



Escola De Ciências Sociais e Humanas

Departamento de Psicologia Social e das Organizações

PROJETO DE INVESTIGAÇÃO-AÇÃO NUMA ORGANIZAÇÃO PÚBLICA

Joana Isabel Vicente Pereira

Trabalho de projeto submetido como requisito parcial para obtenção de grau de Mestre em Psicologia Social e das Organizações

Orientador:

Professora Doutora Sara Cristina Moura da Silva Ramos, Professora Auxiliar, ISCTE Business School, Departamento de Recursos Humanos e Comportamento Organizacional

Outubro 2018



Escola De Ciências Sociais e Humanas

Departamento de Psicologia Social e das Organizações

PROJETO DE INVESTIGAÇÃO-AÇÃO NUMA ORGANIZAÇÃO PÚBLICA

Joana Isabel Vicente Pereira

Trabalho de projeto submetido como requisito parcial para obtenção de grau de Mestre em
Psicologia Social e das Organizações

Orientador:

Professora Doutora Sara Cristina Moura da Silva Ramos, Professora Auxiliar, ISCTE
Business School, Departamento de Recursos Humanos e Comportamento Organizacional

Outubro 2018

Agradecimentos

À professora Sara pelo apoio e confiança depositados em mim desde o primeiro momento, por me auxiliar sempre que me sentia mais perdida e sem rumo e pela ajuda na realização deste projeto tão único e inspirador.

À Inês, por toda a paciência e apoio que teve em me ajudar nos momentos em que não foi possível a professora Sara estar presente. Sem ti, nunca teria conseguido realizar este projeto.

À organização que me acolheu de braços abertos durante 6 meses, mostrando-se sempre disponível para me ajudar no que fosse possível, bem como a todos os participantes que se dispuseram a embarcar nesta aventura.

À minha família, por todo o apoio incondicional e paciência nos momentos mais difíceis. Obrigado por nunca duvidarem de mim.

Aos meus amigos e colegas, pelo apoio e carinho ao longos destes 5 anos. Não foi fácil, mas consegui.

Obrigado a todos!

Resumo

Este projeto de investigação-ação, realizado numa organização pública responsável pela recolha de resíduos urbanos e outros serviços municipais, surge no seguimento de um trabalho de diagnóstico realizado por Faria (2018) e tem como objetivo contribuir, a longo prazo, para a prevenção de acidentes de trabalho e queixas de saúde relacionadas com o trabalho dos Cantoneiros de Limpeza e Condutores de Máquinas Pesadas e Veículos Especiais, através do desenvolvimento da capacidade, nos trabalhadores, de identificação e consciencialização dos riscos a que estão expostos durante a sua atividade profissional.

A partir dos quadros teóricos da Psicologia do Trabalho (Valverde, 2017; Leplat & Cuny, 1983; De Keyser & Nyssen, 2001, cit in Valverde, 2007) foi desenhada uma formação que promove a consciencialização para o risco, inspirada na metodologia MAGICA (Vasconcelos & Lacomblez, 2001/2002). A metodologia adotada contemplou a aplicação de técnicas qualitativas (*Focus Group*) e quantitativas (questionário). A análise dos dados visou, igualmente, o recurso a técnicas de análise qualitativas (análise de conteúdo) e quantitativas. Os principais resultados revelam que os participantes têm já uma elevada consciência dos riscos envolvidos na sua atividade e revelam um profundo conhecimento da mesma. Os resultados evidenciam ainda que os trabalhadores têm capacidade para reconhecer os motivos pelos quais se expõem ao risco, não obstante a margem de melhoria ainda existente em matéria de fatores de risco e condições de trabalho. A intervenção sobre estes fatores contextuais pode ter um efeito direto na redução dos acidentes, bem como alavancar a pré-disposição para a mudança comportamental junto dos trabalhadores.

Palavras-chave: Psicologia do Trabalho, Consciência do risco, Análise da atividade, Condições de Trabalho.

Abstract

This action-research project, carried out in a public organization responsible for the collection of municipal waste and other municipal services, follows a diagnostic work carried out by Faria (2018) and aims to contribute, in the long term, to the prevention of work-related accidents and health complaints related to the work of the Cleaning Roadmen and the Drivers of Heavy Machines and Special Vehicles, through the development of the workers' ability to identify and raise awareness of the risks to which they are exposed during their professional activity.

From the theoretical framework of the Work Psychology (Valverde, 2017; Leplat & Cuny, 1983; De Keyser & Nyssen, 2001, cit in Valverde, 2007), it was designed a formation that promotes risk awareness, inspired by the MAGICA (Vasconcelos & Lacomblez, 2001/2002). The adopted methodology included the application of qualitative (Focus Group) and quantitative (questionnaire) techniques. Data analysis also aimed at the use of qualitative (content analysis) and quantitative analysis techniques.

The main results show that participants already have a high awareness of the risks involved in their activity and reveal a deep knowledge of it. The results also show that workers are able to recognize the reasons why they are exposed to risk, despite the still existing margin of improvement in terms of risk factors and working conditions. Intervention on these contextual factors can have a direct effect on reducing accidents, as well as leveraging the willingness to change behavior among workers.

Keywords: Work Psychology, Risk Awareness, Activity Analysis, Working Conditions.

Índice

Agradecimentos.....	III
Resumo.....	IV
<i>Abstract</i>	V
Índice de Quadros.....	IX
Índice de Figuras	X
INTRODUÇÃO	1
CAPÍTULO I: Enquadramento teórico	3
1.1. Psicologia do Trabalho	3
1.2. Segurança e Saúde no Trabalho.....	5
1.3. Acidentes de Trabalho	7
1.4. Objetivos Gerais	8
CAPÍTULO II: A organização	11
2.1. Caracterização da Organização	11
2.2. Divisão de Resíduos Urbanos.....	12
2.3. Tipos de Recolha de Resíduos Urbanos	13
2.4. Objetivos específicos.....	13
CAPÍTULO III: Metodologia.....	15
3.1. Método Qualitativo – <i>Focus Group</i>	15
3.1.1. Procedimento de recolha de dados.....	16
3.1.2. Instrumento	18
3.2. Método Quantitativo - Questionário.....	19
3.2.1. Procedimento de recolha de dados.....	19
3.2.2. Instrumento	19
3.3. Participantes.....	21
3.4. Procedimento de Análise dos dados	22
3.4.1. Análise de Conteúdo	22

3.4.2. Análise dos Questionários.....	23
CAPÍTULO IV: Resultados	25
4.1. Resultados dos <i>Focus Group</i>	25
4.1.1. Identificação do perigo	27
4.1.1.1. EPI's	27
4.1.1.2. Equipamentos	28
4.1.1.3. Condução.....	28
4.1.1.4. Coatividade.....	28
4.1.1.5. Carga Física.....	29
4.1.1.6. Meio Envolvente	29
4.1.2. Consequências do Perigo/ Riscos	30
4.1.3. Forma Correta de Realizar a Tarefa.....	31
4.1.4. Razões para a Exposição ao Perigo	32
4.1.4.1. Trabalhador	33
4.1.4.2. Equipa.....	35
4.1.4.3. Equipamentos	35
4.1.4.4. Organização.....	36
4.1.4.5. Meio Envolvente	37
4.1.5. Novas Formas de Realizar o Trabalho	37
4.1.6. Dificuldades Sentidas na Atividade	41
4.2. Resultados dos Questionário	43
4.2.1. Questões aplicadas apenas no questionário pré-intervenção	44
4.2.2. Comparação dos resultados do questionário pré e pós-intervenção	45
4.2.2.1. Resultados da questão 1, pré e pós-intervenção	45
4.2.2.2. Resultados da questão 8, pré e pós-intervenção	47
4.2.2.3. Resultados da questão 9, pré e pós-intervenção	49
4.2.2.4. Resultados da questão 11, pré e pós-intervenção	51

4.2.2.5. Resultados da questão 12, pré e pós-intervenção	53
CAPÍTULO V: Discussão de Resultados.....	55
5.1. Consciencialização para o risco.....	55
5.2. Estratégias de prudência	55
5.3. Competências de autoanálise do trabalho.....	56
5.4. Transferência de conhecimentos	57
5.5. Limitações	59
Implicações para a Organização e Pistas de Intervenção	61
CONCLUSÃO	63
BIBLIOGRAFIA.....	64
ANEXOS.....	68

Índice de Quadros

Quadro 4.1.	<i>Tabela das Frequências dos Focus Group</i>	26
Quadro 4.2.	<i>Médias das Questões 6 e 6.1 dos questionário pré-intervenção</i>	45
Quadro 5.1.	<i>Dados Descritivos da Questão 22</i>	59

Índice de Figuras

Figura 4.1. <i>Frequências da Categoria Identificação do Perigo</i>	27
Figura 4.2. <i>Frequências da Categoria Consequências do Perigo/Risco</i>	31
Figura 4.3. <i>Frequências da Categoria Forma Correta de Realizar a Tarefa</i>	32
Figura 4.4. <i>Frequências da Categoria Razões para a Exposição ao Risco</i>	33
Figura 4.5. <i>Frequências da Categoria Novas Formas de Realizar o Trabalho</i>	40
Figura 4.6. <i>Frequências da Categoria Dificuldades Sentidas na Atividade</i>	43
Figura 4.7. <i>Frequências de resposta à questão 4 do questionário pré-intervenção</i>	44
Figura 4.8. <i>Frequências de resposta ao item 1 da questão 1 do questionário pré e pós-intervenção</i>	46
Figura 4.9. <i>Frequências de resposta ao item 2 da questão 1 do questionário pré e pós-intervenção</i>	46
Figura 4.10. <i>Frequências de resposta ao item 9 da questão 1 do questionário pré e pós-intervenção</i>	47
Figura 4.11. <i>Frequências de resposta ao item 7 da questão 8 do questionário pré e pós-intervenção</i>	48
Figura 4.12. <i>Frequências de resposta ao item 10 da questão 8 do questionário pré e pós-intervenção</i>	49
Figura 4.13. <i>Frequências de resposta ao item 1 da questão 9 do questionário pré e pós-intervenção</i>	50
Figura 4.14. <i>Frequências de resposta ao item 2 da questão 9 do questionário pré e pós-intervenção</i>	50
Figura 4.15. <i>Frequências de resposta ao item 4 da questão 9 do questionário pré e pós-intervenção</i>	51
Figura 4.16. <i>Frequências de resposta ao item 2 da questão 11 do questionário pré e pós-intervenção</i>	52
Figura 4.17. <i>Frequências de resposta ao item 4 da questão 11 do questionário pré e pós-intervenção</i>	52

INTRODUÇÃO

Este projeto de investigação-ação surge no seguimento de um trabalho de diagnóstico realizado por Faria (2018) numa organização pública responsável pela recolha de resíduos urbanos. Faria tinha como objetivo compreender quais os fatores que contribuem para o elevado número de acidentes de trabalho da organização e as queixas de saúde dos seus trabalhadores. Por motivos de tempo e dimensão da organização, esta autora focou-se no diagnóstico da Divisão de Resíduos Urbanos, divisão que apresenta maior número de acidentes de trabalho. Como tal, realizou uma análise das condições de trabalho da DRU, focando-se na atividade dos Cantoneiros de Limpeza e Condutores de Máquinas Pesadas e Veículos Especiais a partir das perceções dos trabalhadores.

O projeto consistiu na aplicação de uma metodologia abrangente, recorrendo à análise documental, observações, entrevistas e questionários, com o objetivo de compreender a relação entre diversos fatores como a idade dos trabalhadores, função, o turno de trabalho, entre outros.

Os resultados do seu diagnóstico revelaram que a função e o tipo de recolha de resíduos são fatores determinantes em termos de exposição ao risco, devido à sua especificidade. Também foram reportados, com uma elevada frequência, problemas músculo-esqueléticos, de visão, desmoralização, irritabilidade e cansaço e dificuldades de recuperação. No seu projeto, a autora apresentou uma série de pistas de intervenção com a finalidade de reduzir a exposição ao risco ou mesmo eliminá-los. Uma das medidas sugeridas pela autora foi a promoção de ações de sensibilização regulares no âmbito da exposição aos riscos, das suas consequências e formas de proteção face aos riscos. É neste sentido que surge este projeto de investigação-ação.

Com base no diagnóstico efetuado pela autora, foi desenhado um plano de formação com o principal objetivo de contribuir, a longo prazo, para a prevenção de acidentes de trabalho e queixas de saúde relacionadas com o trabalho, através do desenvolvimento da capacidade, nos trabalhadores, de identificação e consciencialização dos riscos a que estão expostos durante a sua atividade. Atendendo às características deste projeto, a metodologia contemplou a aplicação de técnicas qualitativas e quantitativas. Relativamente à abordagem qualitativa adotada neste projeto, recorreu-se à realização de *Focus Group* com o objetivo de permitir a discussão coletiva, a consciencialização para o risco e definição das condições de trabalho através da análise conjunta de situações de trabalho concretas. Quanto ao método

quantitativo, foi usado um questionário com o objetivo de fornecer dados de comparação pré e pós-intervenção.

Um dos principais resultados deste projeto de intervenção foi que os participantes demonstram já um profundo conhecimento da sua atividade e dos seus constrangimentos, bem como uma alta consciência dos riscos associados à mesma. Foi também possível concluir, através do questionário, que os participantes revelam intenções de mudar o seu comportamento bem como a ocorrência de transferência de conhecimentos entre os participantes.

CAPÍTULO I: Enquadramento teórico

1.1. Psicologia do Trabalho

Desde os anos 50/60, vários investigadores e profissionais de vários domínios, entre os quais a psicologia do trabalho, têm defendido um projeto de ação interdisciplinar no sentido de transformar e desenvolver as situações de trabalho a partir da sua análise (Vasconcelos, 2000).

A abordagem seguida neste projeto é uma abordagem que visa a adaptação do trabalho ao Homem, sugerindo a necessidade de analisar as situações de trabalho na sua totalidade (Valverde, 2017), enfatizando a análise do trabalho real como forma de conhecer as situações de trabalho de uma forma mais profunda, percebendo as condições de trabalho e as suas exigências, para daí, partir para a sua transformação e desenvolvimento do Homem no trabalho (Vasconcelos, 2000).

Neste sentido, esta abordagem da psicologia do trabalho estuda a relação do indivíduo com o trabalho concreto e com as condições do exercício da atividade, centrando-se nos processos cognitivos do ser humano trabalhador, tal como pode ser observado nas situações de trabalho real e toda a sua complexidade técnico-organizacional (Leplat & Cuny, 1983), sendo que as intervenções preventivas desta abordagem privilegiam critérios ligados à adequação e articulação com as condições concretas em que a atividade é realizada, tendo em conta a sua transformação e adaptação aos trabalhadores (Valverde, 2007).

Véronique De Keyser propõe uma abordagem em que a teoria da atividade – teoria que visa os seres humanos como fonte quer de fiabilidade quer de infiabilidade - é tida como terreno comum dos psicólogos do trabalho “e a análise da atividade deve ser vista como elemento estruturador das intervenções, acentuando de forma muito evidente o contexto, a regulação e a mediação da atividade como fatores determinantes da prevenção” (De Keyser & Nyssen, 2001, cit in Valverde, 2007). Ou seja, a presença dos trabalhadores é uma garantia de segurança visto que, muitas vezes, conseguem evitar ou minimizar as consequências dos incidentes, sendo esta uma posição corroborada pelos estudos do terreno e de relatórios de incidentes e acidentes, desde que a análise dos mesmos vá além das circunstâncias imediatas dos acidentes ou incidentes e se tenha em conta o processo na sua globalidade (De Keyser & Nyssen, 2001, cit in Valverde, 2007).

Na sua abordagem, a autora propõe que os instrumentos utilizados nas intervenções sejam baseados na atividade real, em situações reais dos contextos de trabalho, sendo que a

utilização dos mesmos produz processos de mediação quando interligam sujeito e objeto, mudando as representações internas dos trabalhadores sobre o seu trabalho e, por consequência, mudando as suas práticas (Valverde, 2007)

Assim, segundo Vasconcelos (2000, p.9), “o trabalho humano deve ser analisado enquanto confrontação e compromisso, nem sempre fácil, com uma realidade, e não apenas como uma mera aplicação de determinados conhecimentos e capacidades a determinada situação.”.

Mas para melhor compreender estes novos projetos, e como a psicologia do trabalho intervém nas condições de trabalho, iremos analisar alguns dos seus conceitos centrais com mais pormenor.

Em primeiro lugar precisamos de perceber a diferença entre o trabalho prescrito e o trabalho real. O trabalho prescrito corresponde à função formalmente reconhecida para um posto de trabalho, o qual está previsto pelas normas sendo que, ao trabalho prescrito corresponde a noção de tarefa - descrição da função e das condições do seu exercício (Leplat & Cuny, 1983).

Já ao trabalho real corresponde a noção de atividade. Segundo Guérin, Laville, Daniellou, Duraffoung e Kerguelen (1991), atividade refere-se ao elemento central organizador e estruturante da situação de trabalho, ou seja, é a resposta aos constrangimentos determinados exteriormente e é, simultaneamente, a possibilidade de os transformar. Por outras palavras, trata-se do processo de interação do trabalhador com o seu trabalho, as características e constrangimentos do meio, o seu estado interno e os seus objetivos individuais (Falzon & Teiger, 1995). Segundo estes autores, a atividade deve ser vista como um processo dinâmico, ao qual os psicólogos do trabalho pretendem aceder, e sobre a qual se concebe a formação de adultos, dando ênfase à necessidade de a situação de formação ser uma situação fortemente contextualizada e o local de trabalho ser visto como um local privilegiado para a produção de conhecimentos. Como tal, as ações de formação são pensadas e concebidas a partir e tendo presente a análise do trabalho, permitindo, desta forma, a tomada de consciência por parte dos trabalhadores (Vasconcelos, 2000).

Estas formações assentam na necessidade de confrontar, como igualmente válidos, os conhecimentos científicos e os conhecimentos e experiências dos trabalhadores (Lacomblez, 2016). Para esta autora, trata-se de um debate que, com a sua evolução, provocará uma atividade reflexiva pela confrontação das representações e dos conhecimentos trazidos pelos vários intervenientes, e irá alcançar uma descrição compartilhada da atividade e dos fenómenos que nela ocorrem, contribuindo para o balanço crítico dos conhecimentos

científicos, para a reconstrução das representações dos trabalhadores e para a definição de ações e intervenções a serem implementadas. Além desta construção de novos conhecimentos, a autora refere que “a análise da atividade de trabalho e das suas ligações com a saúde, no sentido amplo, sustentam o processo de tomada de consciência individual e coletiva, que deveria permitir a elaboração de “um outro possível” no dia a dia de trabalho” (Lacomblez, 2016, p.124). É uma forma de investigação-ação que aposta na tomada de consciência e na evolução de representações, sendo que a representação é entendida, nesta perspetiva, enquanto motor potencial para uma ação de mudança da situação de trabalho, criando um cenário de formação constituído por um processo de aprendizagem mútua (Lacomblez, 2016).

É com base nestes pressupostos que a intervenção aqui descrita foi desenvolvida ao longo deste projeto.

1.2. Segurança e Saúde no Trabalho

A preocupação com a saúde e segurança no trabalho surge a partir da Revolução Industrial devido ao aparecimento de novos equipamentos e metodologias de trabalho (IDICT, 2001). Estas novas formas de organização do trabalho geraram, não só, um aumento no número de acidentes de trabalho mortais e não mortais (Hofmann, *et al.*, 2017), muito devido ao facto de o trabalhador ser explorado até ao limite das suas capacidades físicas, como o aparecimento de doenças e enfermidades devido às más condições de trabalho ou à manipulação de determinados produtos (IDICT, 2001).

No entanto, é apenas nos finais do século XIX, inícios do século XX que surge a noção de Higiene e Segurança no Trabalho com abordagens muito centradas em intervenções sobre o ser humano através da vigilância médica, intervenções corretivas sobre os materiais, locais e equipamentos de trabalho e intervenções ao nível dos equipamentos de proteção individual do trabalhador (IDICT, 2001).

Tendo em conta este aumento no número dos acidentes de trabalho e os consequentes custos com os mesmos, as organizações e os países europeus começaram a manifestar uma crescente preocupação com a transformação dos ambientes de trabalho em ambientes mais seguros (Smith, Jordan, & Wallace, 2016). Em 1989, foi formalizado um conjunto de medidas para a promoção de saúde e segurança dos trabalhadores, ao nível da União Europeia, tendo como ponto de partida a análise e conceção das situações de trabalho. Fazendo parte da União Europeia desde 1986, todas as ações de prevenção passaram a ter em consideração um

conjunto de princípios fundamentais (estes princípios serão enunciados conforme descritos no Livro Branco dos Serviços de Promoção das Empresas) (IDICT, 2001):

- Evitar os riscos;
- Avaliar os riscos que não podem ser evitados;
- Combater os riscos na origem;
- Adaptar o trabalho ao homem, agindo sobre a conceção, a organização e os métodos de trabalho e produção;
- Realizar estes objetivos tendo em conta a evolução da técnica;
- De uma maneira geral, substituir o que é perigoso pelo que é isento de perigo ou menos perigoso;
- Integrar a prevenção dos riscos num sistema coerente que abranja a produção, a organização, as condições de trabalho e o diálogo social;
- Adotar prioritariamente medidas de proteção coletiva, recorrendo às medidas de proteção individual unicamente no caso de a situação impossibilitar qualquer outra alternativa;
- Formar e informar os trabalhadores e demais intervenientes na prevenção.

Apesar da exponencial evolução tecnológica e mecânica nos últimos anos, ainda existem muitas atividades laborais que incluem uma elevada componente manual (Ramos, Gonçalves, Simões, & Rebelo, 2010) e, como tal, as organizações têm apostado na melhoria das condições de trabalho (Alli, 2008). Esta constitui uma estratégia fundamental para a promoção da saúde e bem-estar dos trabalhadores e para a estimulação da produtividade dos mesmos (Alli, 2008).

A saúde e segurança no trabalho pressupõe, assim, a participação de vários atores como os governos, os empregadores e os trabalhadores, para darem o seu contributo na promoção da segurança e saúde no trabalho, sendo esta uma tarefa contínua e sem conclusão (Alli, 2008). A formação no âmbito da segurança e saúde no trabalho, numa ótica de prevenção, controlo e proteção (Alli, 2008), pode ser uma ferramenta de potencial impacto nos comportamentos de segurança dos trabalhadores (Hofmann *et al.*, 2017) devendo ter em consideração o desenvolvimento de conhecimentos, competências, valores, consciencialização e a capacitação de análise, resolução de problemas e tomada de decisões dos trabalhadores (Burke & Sarpy, 2003).

1.3. Acidentes de Trabalho

Sendo este um projeto de investigação/ação com o objetivo de prevenir acidentes de trabalho e doenças relacionadas com o trabalho através da identificação e consciencialização dos riscos a que os trabalhadores estão expostos, torna-se necessário definir o que constitui um acidente de trabalho. O Gabinete de Estratégia e Planeamento (GEP) do Ministério do Trabalho, Solidariedade e Segurança Social define Acidente de Trabalho (2016: 16) como:

Todo o acontecimento inesperado e imprevisto, incluindo atos derivados do trabalho ou com ele relacionados, do qual resulte uma lesão corporal, uma doença ou a morte de um ou vários trabalhadores. São também considerados acidentes de trabalho os acidentes de viagem, de transporte ou de circulação, nos quais os trabalhadores ficam lesionados e que ocorrem por causa, ou no decurso do trabalho, isto é, quando exercem uma atividade económica, ou estão a trabalhar, ou realizam tarefas para o empregador.

Atualmente, as organizações têm mostrado uma crescente preocupação com os acidentes de trabalho por serem um fator determinante na qualidade de vida dos indivíduos (Eurostat, 2016), mas também porque representam um elevado custo para as mesmas (Lawrence, Paustian-Underdahl, & Halbesleben, 2013). Segundo dados EU-OSHA (2019), no ano 2017, os acidentes de trabalho e doenças resultantes do trabalho tiveram um custo de 476 biliões de euros na União Europeia.

Ao nível da organização, a perda de produtividade e o aumento dos níveis de turnover (Malek, El-Safty, El-Safety, & Sorce, 2010) são algumas das consequências negativas dos acidentes de trabalho. Já ao nível individual, trabalhadores que sofreram acidentes de trabalho experienciam frequentemente uma baixa qualidade de vida (Adams et al., 2002; Keogh, Nuwayhid, Gordon, & Gucer, 2000), depressões (Strunin & Boden, 2004) e instabilidade financeira (Himmelstein, Warren, Thorne, & Woolhandler, 2005).

Apesar da juventude desta área, já muito existe na literatura sobre fatores preditivos de acidentes de trabalho. Ao nível psicossocial, a literatura tem identificado o clima de segurança (Chowdhury & Endres, 2010; Clarke, 2006; Neal & Griffin, 2006; Zohar, 2002), a conceção de postos de trabalho (Parker & Wall, 1998) e a perceção de suporte organizacional e dos supervisores (Hofmann & Morgeson, 1999). Já ao nível individual, foram identificados na literatura como fatores preditivos dos comportamentos de segurança a sonolência (DeArmond & Chen, 2009) e características individuais como o género, pelo facto de os homens estarem mais presentes nos trabalhos mais perigosos (Hansen, 1989; Smith *et al.*, 2016), o nível de escolaridade, pelo facto de a baixa escolaridade dos trabalhadores ser também mais frequente

nos trabalhos mais perigosos (Hansen, 1989; Smith *et al.*, 2016), a experiência e conhecimentos sobre o trabalho (Burke, Sarpy, Tesluk, & Smith- Crowe, 2002; Smith *et al.*, 2016), a personalidade (Hansen, 1989; Hofmann *et al.*, 2017; Smith *et al.*, 2016) e a motivação (Burke *et al.*, 2002).

São ainda reconhecidos como fatores que potencialmente influenciam os comportamentos de segurança no trabalho, os colegas (Liang, Ling, Zhang, & Su, 2018), as chefias diretas, a relação entre a administração da organização e os seus trabalhadores (Alli, 2008; Hofmann *et al.*, 2017).

Como tal, tem-se observado um aumento do investimento por parte das organizações na Segurança e Saúde no trabalho, o que tem contribuído para a redução do número de acidentes de trabalho (Hofmann, Burke, & Zohar, 2017). No entanto, estes números continuam elevados.

Segundo dados do Eurostat (2018), em 2015 foram registados mais de 3.2 milhões de acidentes de trabalho não fatais – são considerados acidentes de trabalho não fatais todos os acontecimentos ocorridos no decorrer do trabalho que levem a dano físico ou mental, e que resultem numa ausência do trabalho de 4 dias completos – na Europa, sendo que Portugal foi o país com a maior taxa de incidência estandardizada com 3 677 acidentes reportados por cada 100 000 trabalhadores. Relativamente aos acidentes de trabalho fatais - são considerados acidentes de trabalho fatais todos os acontecimentos ocorridos no decorrer do trabalho que levem à morte da vítima no espaço de 1 ano desde a data do acidente – foi estimada a ocorrência de 3 876 acidentes na Europa, sendo que Portugal foi o segundo país da União Europeia a registar a maior taxa com cerca de 4.7 acidentes de trabalho fatais por cada 1000 000 trabalhadores, enquanto que na Europa foi registada uma taxa de 2.38 acidentes de trabalho fatais por cada 100 000 trabalhadores.

Estes dados evidenciam que, apesar do avanço legal em matéria de segurança e saúde no trabalho, há ainda um longo caminho a percorrer, sobretudo no que respeita às práticas concretas adotadas por parte das organizações.

1.4. Objetivos Gerais

O presente estudo vem dar continuidade ao estudo exploratório de Faria (2018), cujo principal objetivo consistia em compreender alguns dos fatores contributivos para a elevada taxa de acidentes de trabalho e queixas de saúde entre Cantoneiros de Limpeza (CL) e Condutores de Máquinas Pesadas e Veículos Especiais (CMPVE). Um dos seus principais resultados revelou que “a função – CL e CMPVE – e o tipo de recolha de resíduos têm

implicações nos riscos percebidos pelos trabalhadores e, conseqüentemente, nas queixas de saúde e na origem dos acidentes de trabalho” (Faria, 2018, p.IV).

Umas das pistas de intervenções sugeridas no estudo anterior foi a criação de ações de sensibilização regulares no âmbito da exposição aos riscos, as suas conseqüências, formas de proteção contra o risco e a importância do uso de EPI's. E é neste sentido que o presente projeto se desenvolve.

Este projeto de investigação-ação tem como principal objetivo contribuir, a longo prazo, para a prevenção de acidentes de trabalho e queixas de saúde relacionadas com o trabalho, através do desenvolvimento da capacidade, nos trabalhadores, de identificação e consciencialização dos riscos a que estão expostos durante a sua atividade profissional.

CAPÍTULO II: A organização

2.1. Caracterização da Organização

Este estudo teve lugar numa organização do setor público responsável pelo abastecimento público de água, drenagem de águas residuais e recolha e transporte de resíduos urbanos num determinado perímetro geográfico do território português. A organização preza por ser uma entidade reconhecida por contribuir para a qualidade de vida dos cidadãos, garantindo a universalidade e excelência dos serviços prestados, e pela satisfação dos seus colaboradores, garantindo o abastecimento público de água, conforme os padrões de qualidade legalmente estabelecidos para consumo humano, a recolha e drenagem de águas residuais, e a recolha e transporte de resíduos urbanos. Como tal, apesar do seu estatuto público, é gerida sob a forma empresarial, sendo uma organização dotada de autonomia técnica, administrativa e financeira, prestando serviços a cerca de 169 200 clientes.

Sendo uma organização pública, é financiada pelo Estado Português e rege a sua atividade segundo os regulamentos previstos na lei para a Função Pública. Como podemos observar no organograma apresentado no Anexo A, a organização é composta por um Conselho de Administração, um Diretor Delegado, distintas Divisões e Gabinetes a cargo e, a sua estrutura nuclear é composta por quatro Departamentos com várias Divisões subjacentes: Departamento Comercial, Departamento Administrativo e Financeiro, Departamento de Resíduos e Apoio Logístico, e Departamento de Exploração de Águas.

Relativamente à sua dimensão, a 31 de dezembro de 2018 registavam um efetivo de 929 trabalhadores, dos quais 65% cumprindo funções de Assistente Operacional, e 21% com funções de Assistente Técnico, revelando, assim, a sua forte componente operacional. Pelo facto de se tratar de uma atividade com uma forte componente de trabalho físico, registam-se diferenças significativas na distribuição de trabalhadores por género, sendo 71,4% do efetivo do sexo masculino, e 28,6% do sexo feminino.

Já no que concerne à idade, 38% do efetivo tem uma idade entre os 50 e os 59 anos e apenas 5,5% tem menos de 35 anos, sendo a média de idade de 50 anos. Este valor tem vindo a aumentar ao longo dos últimos anos devido ao baixo número de novas contratações e o adiamento da idade de reforma. No que diz respeito à antiguidade dos trabalhadores, 42% dos trabalhadores têm uma antiguidade na empresa entre 15 e 24 anos e apenas 10,9% do efetivo integrou a empresa nos últimos 5 anos. Em termos de habilitações literárias, 62,1% dos

trabalhadores têm no máximo o 9º ano de escolaridade, sendo que apenas 12,8% detêm um grau de escolaridade superior ao 12º ano.

2.2. Divisão de Resíduos Urbanos

A Divisão de Resíduos Urbanos está integrada no Departamento de Resíduos e Apoio Logístico, juntamente com a Divisão de Gestão de Frotas e a Divisão de Apoio Logístico. Este departamento é dirigido pelo Diretor Delegado que, por sua vez, reporta diretamente ao Conselho de Administração.

A Divisão de Resíduos Urbanos é responsável por assegurar a recolha de resíduos urbanos no espaço público por que é responsável. Note-se que se entende por resíduo urbano todo o resíduo que, pela sua natureza e composição, seja semelhante aos resíduos de origem doméstica, e a sua produção não exceda os 1100 litros por dia. Também são incluídos nesta categoria todos os materiais recicláveis, os resíduos orgânicos, os resíduos de jardim e os resíduos volumosos, também conhecidos por monos, como por exemplo sofás, eletrodomésticos, móveis, entre outros.

A Divisão de Resíduos Urbanos é a maior unidade orgânica da organização com 286 efetivos, o que representa cerca de 30,79% do efetivo total da organização. Esta divide-se em 3 tipos de atividade: Chefe de Divisão e Apoio; Setor de Estudos e Planeamento; e Setor Operacional de Recolha, que inclui a Gestão de Equipamento, a Recolha Indiferenciada, a Recolha Seletiva e a Recolha de Monos e Resíduos Verdes.

Tendo em conta os resultados do diagnóstico efetuado no estudo anterior nesta organização, este projeto foca-se nos trabalhadores do Setor Operacional de Recolha, especificamente nas funções diretamente afetas à recolha de resíduos: Cantoneiros de Limpeza e Condutores de Máquinas Pesadas e Veículos Especiais. Isto deve-se ao facto de serem funções mais propensas, e onde, efetivamente, ocorrem mais acidentes de trabalho, devido à exposição a diversos riscos e ao contacto com diversos equipamentos.

A 31 de dezembro de 2018 esta DRU contavam com 255 Cantoneiros de Limpeza e os Condutores de Máquinas Pesadas e Veículos Especiais, representando 89,1% dos efetivos operacionais desta divisão, sendo 225 trabalhadores do sexo masculino e 30 do sexo feminino.

2.3. Tipos de Recolha de Resíduos Urbanos

Existem quatro tipos de recolha de resíduos distintos a que os trabalhadores podem ser alocados (Faria, 2018):

- A recolha lateral indiferenciada ou seletiva: é um processo de recolha de resíduos automatizada em contentores colocados na via pública, de capacidade de 2400 ou 3200 litros. Esta recolha é realizada a partir do interior da viatura, através de visores instalados no painel de controlo do motorista. Este tipo de recolha é realizado por um Condutor de Máquinas Pesadas e Veículos Especiais, auxiliado por um Cantoneiro de Limpeza;
- A recolha posterior indiferenciada, seletiva ou orgânica: é o processo de recolha de resíduos em contentores com capacidade de 1100 litros colocados na via pública ou de contentores de deposição individual colocados na morada detentora dos mesmos. Esta recolha é feita manualmente, sendo os resíduos depositados na parte posterior da viatura. Este tipo de recolha é realizado por um Condutor de Máquinas Pesadas e Veículos Especiais e dois Cantoneiros de Limpeza;
- A recolha seletiva ou indiferenciada com grua: é o processo de recolha de resíduos depositados em *moloks*, ecopontos e/ou ilhas ecológicas colocados na via pública. Este tipo de recolha é realizado com uma grua integrada na viatura, a qual é utilizada para elevar os contentores até ao cimo da viatura, local onde é efetuada a descarga dos resíduos. Este tipo de recolha é realizado por um Condutor de Máquinas Pesadas e Veículos Especiais e dois Cantoneiros de Limpeza;
- A recolha de monos: é o processo de recolha de objetos, de origem habitacional que, pela sua dimensão ou forma ou outras características, não são possíveis de depositar nos contentores disponíveis na via pública, logo não sendo possíveis de recolher pelos meios acima apresentados. Este tipo de recolha é realizado por um Condutor de Máquinas Pesadas e Veículos Especiais e um a três Cantoneiros de Limpeza.

2.4. Objetivos específicos

Para que seja possível alcançar o objetivo geral proposto neste projeto, desenhou-se um projeto de intervenção envolvendo os trabalhadores da organização, tendo por base a pesquisa bibliográfica e contexto apresentados, com os seguintes objetivos específicos:

- Desenvolver nos trabalhadores as competências de autoanálise do trabalho, através da análise coletiva de situações-problema decorrentes da atividade;

Projeto de Investigação-Ação numa Organização Pública

- Consciencializar os trabalhadores acerca dos fatores de risco presentes nas situações de trabalho e dos riscos a que estão expostos, através dos exercícios de identificação destes nas situações analisadas;
- Contribuir para a transferência sistemática de conhecimentos e competências entre trabalhadores, através da reflexão e análise conjunta em contexto de grupo;
- Facilitar a emergência de estratégias de prudência no desenvolvimento da atividade, com vista a diminuir a exposição ao risco.

CAPÍTULO III: Metodologia

Atendendo às características deste projeto, foi desenhada uma formação que promove a consciencialização para o risco, inspirada na metodologia MAGICA – Método de Análise Individual e Coletiva em Alternância (Vasconcelos & Lacomblez, 2001/2002). A metodologia desenvolvida por estes autores visa articular a promoção da segurança e a saúde no trabalho com as questões da formação profissional. Para estes autores, momentos de reflexão e discussão no trabalho são vistos como elementos estruturantes para o desenvolvimento de práticas profissionais mais seguras, conscientes e eficazes. Esta metodologia contempla a análise de situações de trabalho concretas, alternando momentos de autoanálise individual no local de trabalho com momentos de discussão em grupo, permitindo a consciencialização e definição das condições de trabalho. Tendo em conta as características da atividade dos CL e CMPVE, apenas foram realizados os momentos de análise de situações de trabalho em grupo.

Atendendo às características deste projeto, a metodologia contemplou a aplicação de técnicas quer qualitativas quer quantitativas. Relativamente à abordagem qualitativa adotada neste projeto, recorreu-se à realização de *Focus Group*. Quanto ao método quantitativo, foi usado um questionário. Os dados foram recolhidos em contexto do estágio curricular realizado no âmbito do Mestrado em Psicologia Social e das Organizações.

3.1. Método Qualitativo – *Focus Group*

Segundo Morgan, Krueger e King (1997), o *Focus Group* é uma técnica que promove uma multiplicidade de visões e reações emocionais em contexto de grupo. É uma técnica qualitativa que contempla o controlo de uma discussão de um grupo de pessoas, privilegiando a observação e registo de experiências e reações dos indivíduos participantes. O *Focus Group* tem como finalidade a compreensão de fenómenos sociais complexos onde os resultados são amplamente descritivos (Galego & Gomes, 2005).

Esta técnica permite a criação de um espaço de debate em torno de um assunto comum aos intervenientes e, conseqüentemente, que estes mesmos intervenientes construam e reconstruam as suas atitudes, representações e atuações futuras (Galego & Gomes, 2005). Estes mesmos autores referem ainda que, para os investigadores, esta técnica permite “observar a construção do conhecimento numa situação real de dinâmica de grupo, onde são

analisadas as relações que vão acontecendo, tendo por base as opções de cada elemento do grupo.” (p.179).

O *Focus Group* pode ser utilizado para diferentes objetivos, isoladamente ou conjugado com outras técnicas de investigação (Morgan, Krueger & King, 1997), tal como é o caso do presente trabalho.

3.1.1. Procedimento de recolha de dados

Foram criados dois grupos de trabalhadores, um composto por trabalhadores do turno da manhã e outro por trabalhadores do turno da tarde, que voluntariamente participaram no projeto. Estes dois grupos foram criados visto não ser possível tê-los todos num único grupo, devido a constrangimentos laborais¹. Cada grupo realizou 5 sessões, perfazendo um total de 10 sessões efetuadas, sendo que cada sessão teve a duração de, aproximadamente, uma hora. Para o turno da manhã estas sessões ocorreram 1 vez por semana, mas, devido a constrangimentos laborais, para o turno da tarde, as três primeiras sessões ocorreram uma vez por semana, tendo havido um espaçamento de duas semanas entre a terceira sessão e a quarta, e um espaçamento de um mês entre a quarta sessão e a quinta sessão. As sessões foram todas gravadas via áudio e vídeo. A maioria das sessões contou com a presença de uma Técnica Superior da Segurança e Saúde no Trabalho da organização para o caso de surgirem dúvidas técnicas que a investigadora não tivesse conhecimentos suficientes para esclarecer.

Antes das sessões, e com vista a constituir os grupos de trabalho, foram realizadas duas sessões prévias de informação, uma para os trabalhadores do turno da manhã e outra para os trabalhadores do turno da tarde, para dar conhecimento aos mesmos dos resultados do diagnóstico realizado no ano anterior. No final destas sessões foi explicado aos trabalhadores quais os objetivos deste novo projeto e em que iria consistir, com o propósito que recrutar voluntários para os *Focus Group*.

Feitas as sessões de informação deu-se início ao processo de recolha e seleção de situações-problema a serem analisadas nas sessões. Em primeiro lugar foram realizadas 11 observações de vários tipos de recolha de resíduos, de modo a conseguir compreender a atividade de trabalho e os seus constrangimentos, o tipo de tarefas que eram efetuadas em

¹ Por motivos de organização, não foram incluídos trabalhadores do turno da noite (isto implicaria a realização de sessões às 23h, não sendo garantidas as condições necessárias para a realização das sessões

cada tipo de recolha e as dinâmicas das equipas de trabalho. Foram por isso realizadas 3 observações à recolha indiferenciada de 1100 Litros, 2 observações à recolha de Monos com grua, 2 observações à recolha de Monos sem grua, 1 observação à recolha seletiva de 1100 litros de papel, 1 observação à recolha seletiva com grua de 2500 litros de embalagens e 1 observação à distribuição do trabalho no início do turno. Posteriormente, foi feita uma reunião com duas Técnicas Superiores da Saúde e Segurança no Trabalho onde foram disponibilizados todos os registos fotográficos de 2018 de situações onde as normas de segurança não estavam a ser cumpridas. Nesta reunião foi explicado quais eram as situações que a organização achava mais graves e/ou recorrentes, fator que foi tido em consideração na seleção das situações. O outro fator que foi tido em consideração foi selecionar a maior diversidade de situações-problema para serem analisadas. Após a reunião, foram selecionadas 20 fotografias para serem analisadas nas sessões.

Feita a seleção das fotografias foi construído o guião dos *Focus Group* (Anexo B), o termo de consentimento informado (Anexo C) e procedeu-se à marcação da data das sessões.

Na primeira sessão começou-se por explicar aos participantes as regras de funcionamento das sessões e foi entregue o consentimento informado. De seguida, como forma de quebra-gelo, foi pedido a cada participante que se apresentasse, dizendo o seu nome, idade, função, os seus anos de experiência e quais eram as suas expectativas para as sessões. Depois foram apresentados os objetivos do projeto e feita uma pequena contextualização do mesmo. Feitas todas as apresentações, foi entregue o questionário pré-intervenção (Anexo D) aos participantes para seu preenchimento. Quando todos acabaram de responder, foi realizada uma apresentação com a análise dos Acidentes de Trabalho na Divisão de Resíduos Urbanos relativos ao ano 2017 (o relatório com os Acidentes de Trabalho na Divisão de Resíduos Urbanos do ano 2018 ainda não estava concluído à data das sessões). Achou-se importante fazer esta apresentação pelo facto de a maioria dos trabalhadores não ter conhecimento destes dados e porque, de alguma forma, deixaria claro o motivo pelo qual se estava a realizar este projeto e a sua importância para o contexto de trabalho. Terminada a apresentação, foi explicado aos participantes qual seria o exercício que irão realizar nas próximas sessões. No final foi dado espaço para os participantes colocarem dúvidas ou questões e agradecer a presença de todos.

Nas três sessões seguintes, o procedimento foi sempre o mesmo. No início da sessão, os participantes eram divididos em grupos de duas ou três pessoas. A cada grupo foi dada

uma fotografia para analisar com base numa série de perguntas e, após a conclusão da mesma, cada grupo partilhava a sua análise com os restantes participantes, sendo dada a oportunidade a todos de acrescentar alguma informação que achassem importante. Este exercício foi realizado duas vezes por sessão. No final de cada sessão foi dado espaço para colocação de dúvidas ou questões e feitos os agradecimentos.

Na última sessão, foi realizado o mesmo exercício apenas uma vez, sendo que, após a conclusão do mesmo, foi pedido aos participantes que respondessem a outro questionário (para comparação pré e pós-intervenção). No final, foi dado espaço para colocação de dúvidas ou questões e feitos os agradecimentos finais a todos os participantes.

3.1.2. Instrumento

Para as sessões do *Focus Group* foi utilizada uma apresentação em *Power Point* como forma de apresentar a análise dos Acidentes de Trabalho na Divisão de Resíduos Urbanos de 2017 e as fotografias a serem analisadas. As fotografias também foram impressas para facilitar a análise em grupo durante as sessões. Como referido anteriormente, a análise das fotografias tinha como objetivo a promoção da consciencialização para o risco, a compreensão das razões dos trabalhadores para se exporem ao risco, as dificuldades sentidas no decorrer da sua atividade e a emergência de novas formas de trabalho. Para isso, foram criadas as seguintes questões, como forma de facilitar esta análise:

- Qual a tarefa que está a ser desempenhada?;
- Qual o tipo de recolha associado a esta tarefa?;
- Conhecem alguma história de acidente ou doença devido a uma situação igual ou semelhante a esta?;
- Existe algum motivo para realizarem a tarefa desta forma?;
- Quais os riscos a que estão sujeitos ao realizarem a tarefa desta forma?;
- Qual a maneira correta de realizar esta tarefa?;
- Porque motivo não realizam da forma correta?;
- Sugestão de novas formas de realizar a tarefa diminuindo a exposição ao risco;

Neste sentido, sempre que estava a decorrer a análise de uma das fotografias, estas eram projetadas na parede, juntamente com as questões.

3.2. Método Quantitativo - Questionário

Questionário define-se como sendo um conjunto de questões acerca de um tópico e que se destina, geralmente, a medir opiniões, interesses, aspetos de personalidade ou informação biográfica de um respondente (Yaremko, Harari, Harrison & Lynn, 1986), sendo esta uma metodologia que permite, dependendo das estratégias de amostragem, assegurar melhor representatividade e generalização dos resultados para uma população mais ampla (Günther, 2003). É também um método de eleição utilizado quando se trata de problemas ou temáticas organizacionais (Crowther & Lancaster, 2009), sobretudo quando se pretendem medir efeitos decorrentes de ações, intervenções ou mudanças organizacionais.

Pela natureza deste projeto, a utilização de questionários teve como objetivo a recolha de dados pré e pós intervenção, como forma de definir o estado inicial dos participantes e verificar eventuais resultados das sessões nos parâmetros medidos pelo mesmo.

3.2.1. Procedimento de recolha de dados

Como referido anteriormente, a aplicação dos questionários ocorreu durante as sessões do *Focus Group*, em suporte de papel e com a presença da investigadora, o que permitiu o esclarecimento de dúvidas relativamente ao instrumento.

A aplicação do primeiro questionário ocorreu na primeira sessão de cada grupo, antes de ser dada qualquer informação relativa ao tema do projeto. Isto permitiu que não ocorresse qualquer contaminação nas respostas dadas pelos participantes. Foi também comunicado aos participantes que as informações do questionário, tal como as dos *Focus Group*, seriam tratadas de forma anónima e confidencial e que a participação no preenchimento do questionário tinha carácter individual, sendo que não deveriam falar uns com os outros durante o preenchimento do mesmo.

Já a aplicação do segundo questionário ocorreu na última sessão do *Focus Group*, após a análise das últimas fotografias, tendo sido novamente explicadas todas as questões sobre o tratamento dos dados.

3.2.2. Instrumento

Tendo em conta a escassez ou mesmo ausência de estudos especificamente neste setor de atividade, foi desenhado um questionário direcionado para este tipo de atividade. Como tal,

foram fonte de inspiração os seguintes instrumentos: AGE 2015 V1.0 (Ramos, 2017), Perceção de Risco e Comportamentos Seguros o Trabalho (Pacheco, 2012), Questionário sobre a Percepção de Risco de Lesões Músculo-esqueléticas (Martins, 2008) e o Inquérito aos colaboradores de Aeroporto (Silva, 2010). O questionário aplicado visa aceder à percepção dos trabalhadores sobre condições físicas e psicológicas de trabalho, exposição a riscos e acidentes de trabalho.

O primeiro questionário aplicado é composto por 4 partes ou grupo de questões, perfazendo um total de 21 questões, sendo que a última parte se destinou à aferição de dados sociodemográficos e de enquadramento na organização.

A primeira parte do questionário contempla 4 conjuntos de questões que pretendem aferir qual a percepção dos trabalhadores acerca dos comportamentos de segurança, quer ao nível individual quer ao nível dos seus colegas. Para as 2 primeiras questões foi utilizada uma escala de *Likert* de sete pontos (1=Discordo Totalmente a 7=Concordo Totalmente) e para a questão 3 uma escala de *Likert* de sete pontos (1=Nunca a 7= Sempre). Já na questão 4 foram apresentados seis itens de resposta, nos quais os participantes tinham de assinalar aqueles que achassem adequados.

A segunda parte do questionário contempla 3 conjuntos de questões que pretendem aferir o seu nível de saúde percebido (questão 5), utilizando para o efeito uma escala de *Likert* de quatro pontos (1=Mau a 4=Muito Bom), recolher informações sobre o número e tipo de acidentes de trabalho ocorridos nos últimos 3 anos envolvendo cada participante, optando-se por utilizar questões de resposta aberta (questão 6) e, a sua percepção sobre o risco de desenvolvimento de lesões e/ou doenças músculo-esqueléticas. Para este último aspeto utilizou-se 3 questões com tipos de resposta distintos. A questão 7 foi avaliada segundo uma resposta dicotómica (sim ou não), com o objetivo de averiguar se os participantes teriam conhecimentos sobre o risco de desenvolver lesões ou doenças músculo-esqueléticas devido ao trabalho, sendo que, no caso de resposta afirmativa, pedia-se ao participante que assinalasse, de entre um conjunto de 5 itens, onde teria adquirido esses conhecimentos. Seguidamente, na questão 8, pediu-se ao participante que, utilizando uma escala de *Likert* de sete pontos (1=Discordo Totalmente a 7=Concordo Totalmente), nos desse a sua opinião sobre, de entre uma lista de situações de trabalhado apresentadas, quais as que contribuíam para o risco de desenvolver lesões e/ou doenças músculo-esqueléticas. Por último, na questão 9, pedia-se ao participante que assinalasse, de entre um conjunto de 6 situações, quais eram as

intervenções que adotava para modificar a sua situação de trabalho, no caso de ocorrência de sobrecarga física.

A última parte do questionário contempla 4 conjuntos de questões que pretendem aferir sobre as condições de trabalho. Para a questão 10 e 11 utilizou-se uma escala de *Likert* de sete pontos (1=Discordo Totalmente a 7=Concordo Totalmente), para a questão 12 pediu-se ao participante que assinalasse, de entre um conjunto de 4 situações, quais eram as que condicionavam as suas posturas de trabalho e, por último, colocou-se uma questão de resposta aberta, pedindo ao participante que escrevesse quais as intervenções/mudanças possíveis no seu local de trabalho que poderiam diminuir os riscos de ocorrência de lesões ou distúrbios músculo-esqueléticos.

Relativamente ao segundo questionário aplicado, este teve como objetivo averiguar se existiram mudanças na perceção dos participantes sobre os comportamentos de risco, na perceção de risco de desenvolvimento de lesões e/ou doenças músculo-esqueléticas e nas condições de trabalho, face às respostas dadas no 1º momento. Como tal, foram retiradas as questões 4, 6, 7 e 10 por se considerar que as sessões dos *Focus Group* não iriam ter impacto nas mesmas.

Foram ainda acrescentadas duas questões no final do questionário. A primeira foi uma questão de resposta aberta, em que se pediu ao participante que indicasse o que tinha ouvido nas sessões que nunca tinha ouvido antes. A segunda questão estava relacionada com a avaliação das sessões, sendo pedido ao participante que desse a sua opinião sobre as contribuições das sessões, utilizando para isso uma escala de *Likert* de 7 pontos (1=Discordo Totalmente a 7=Concordo Totalmente).

As questões sobre os dados sociodemográficos e enquadramento na organização também foram retirados para evitar redundância, mantendo-se apenas a aferição da idade e sexo do participante, de forma a ser possível emparelhar os questionários.

3.3. Participantes

Os participantes que responderam aos questionários foram os mesmos que participaram nas sessões dos *Focus Group*, com a exceção de um participante, que, à data da última sessão se encontrava de baixa, não tendo sido possível responder ao último questionário.

No total, este estudo contou com a participação de 15 trabalhadores com idades compreendidas entre os 33 e os 59 anos, sendo a média de idades de aproximadamente 47 anos ($DP = 7,64$). Dos 15 participantes, 9 são do sexo masculino (60%) e 6 do sexo feminino (40%). Quanto à sua função, 9 dos participantes são Cantoneiros de Limpeza (60%) e 6 são Condutores de Máquinas Pesadas e Veículos Especiais (40%). Já a nível de escolaridade, 40% dos participantes completou o 6º ano de escolaridade, 20% completou o 9º ano de escolaridade, 26,7% completou o 12º ano de escolaridade e apenas 13,3% completou apenas a 4ª classe. Por último, no que diz respeito aos anos de experiência, em média, os participantes trabalham há 14,58 anos na organização ($DP = 6,26$), com uma média de 13,21 anos de experiência na função atual ($DP = 7,64$).

Relativamente aos participantes do turno da manhã, contou-se com um total de 7 trabalhadores. Inicialmente eram 8 participantes, mas, visto um dos trabalhadores apenas ter participado nas primeira e terceira sessões dos *Focus Group*, o mesmo não foi considerado na análise dos resultados do estudo. Já no turno da tarde contou-se com um total de 8 participantes. Devido a constrangimentos laborais, não foi possível contar com a totalidade dos participantes em todas as sessões. No turno da manhã, existiram 2 sessões com apenas 5 participantes, 1 sessão com 6 participantes e 2 sessões com os 7 participantes. Já no turno da tarde existiu 1 sessão com apenas 5 participantes, 1 sessão com 6 participantes, 2 sessões com 7 participantes e 1 sessão com os 8 participantes.

3.4. Procedimento de Análise dos dados

Terminada a recolha dos dados, seguiu-se a análise dos mesmos. Tendo em conta as diferentes técnicas de recolha de dados, os mesmos foram analisados com o recurso a diferentes estratégias. Para a análise dos dados dos *Focus Group* recorreu-se à análise de conteúdo e para os dados dos questionários recorreu-se à utilização de técnicas de análise estatística de dados.

3.4.1. Análise de Conteúdo

A análise da informação recolhida durante os *Focus Group* baseou-se na análise de conteúdo temática sugerida por Bardin (2009). Como tal, a análise dos dados começou com uma pré-análise dos mesmos, sendo feita a transcrição das sessões. Isto facilita a sua análise e organização dos dados.

De seguida, iniciou-se a fase a exploração do material. Tendo em conta os objetivos propostos no início deste estudo, começou-se a criar uma matriz de codificações, como pode ser observado no Anexo F, que permitisse responder aos mesmos. Estas categorias foram criadas obedecendo aos critérios de exclusão mútua, homogeneidade, pertinência, produtividade, objetividade e fidelidade (Bardin, 2009). Após a criação desta matriz de análise dos dados, foi possível explorar o material recolhido, codificando os dados brutos por recorte, agregação e/ou enumeração.

No final, deu-se lugar à terceira fase da análise de conteúdo, realizando o tratamento e interpretação nos dados obtidos, através da contagem de frequências das categorias (Anexo G).

3.4.2. Análise dos Questionários

Para a análise dos dados dos questionários recorreu-se ao *software* Statistical Package for the Social Science (SPSS), versão 25. Tendo em conta o número reduzido de participantes no estudo, optou-se por uma análise sobretudo descritiva.

CAPÍTULO IV: Resultados

Iremos dividir o capítulo dos resultados em duas partes: em primeiro lugar iremos explorar e apresentar os resultados obtidos nos *Focus Group* e em seguida os resultados obtidos no questionário, de modo a facilitar a leitura dos mesmos.

4.1. Resultados dos *Focus Group*

Como podemos observar pelo Quadro 4.1., na categoria da Identificação do Perigo, destacam-se as Sub-categorias Equipamentos e Carga física, com 129 e 161 perigos identificados, respetivamente. No que diz respeito às consequências dos perigos identificados, os trabalhadores identificam 199 riscos associados aos perigos, tendo sido também descritas 198 formas de realizar as tarefas corretamente. Já nos motivos apresentados pelos trabalhadores para a exposição ao perigo, destaca-se a Sub-categoria Equipamentos com 109 referências. Também foram registadas 139 referências para novas formas de realizar as tarefas com diminuição da exposição aos perigos.

Em seguida iremos apresentar a análise destes resultados de forma mais pormenorizada. Por questões de coerência com a análise dos resultados do questionário, os mesmos serão analisados por sessão, não diferenciando os resultados por turnos. No entanto, é importante deixar os resultados por turno no Quadro 4.1. pois, nas limitações do estudo, iremos refletir sobre as diferenças entre os turnos.

Embora sejam apresentadas as frequências da última sessão dos *Focus Group* no Quadro 4.1., a análise dos dados irá basear-se na comparação entre a primeira sessão e a terceira sessão, tendo em conta que na última sessão dos *Focus Group* apenas foram analisadas 3 situações, em oposição às restantes sessões, onde foram analisadas 6 situações por sessão.

Quadro 4.1. Tabela das Frequências dos Focus Group

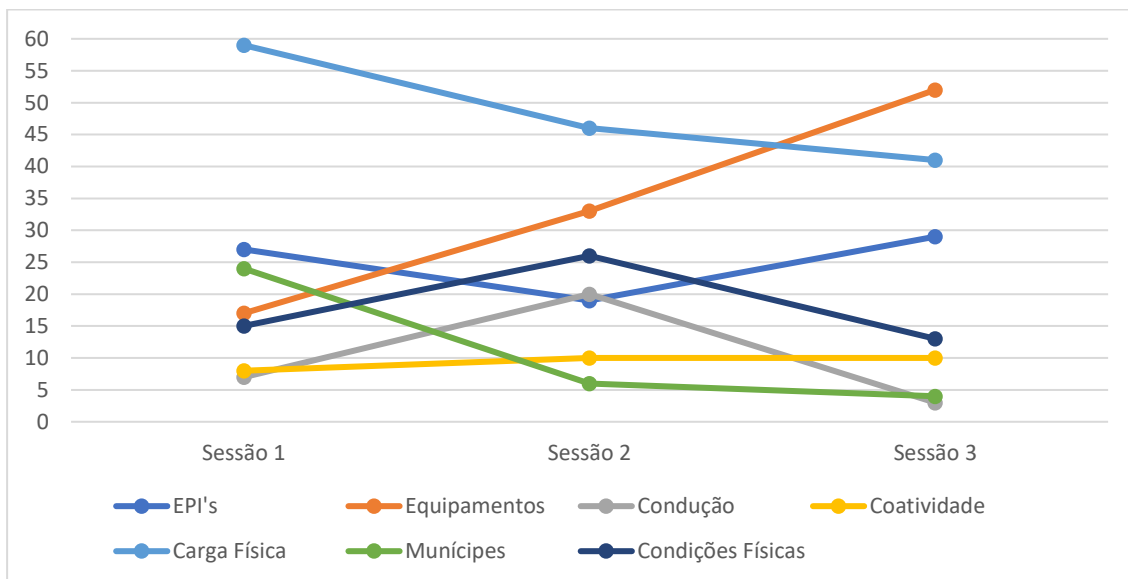
Categoria	Sub-categoria	Sub-sub-categoria	Turno da Manhã				Turno da Tarde				Total
			Sessão 1	Sessão 2	Sessão 3	Sessão 4	Sessão 1	Sessão 2	Sessão 3	Sessão 4	
Identificação do perigo	EPI's		11	7	16	6	16	12	13	15	96
	Equipamentos		6	12	17	7	11	21	35	20	129
	Condução		6	9	0	2	1	11	3	11	43
	Coatividade		5	2	4	0	3	8	6	4	32
	Carga Física		21	23	17	3	38	23	24	12	161
	Meio	Municípios	4	2	0	0	20	4	4	6	40
	Envolvente	Condições Físicas	5	9	6	0	10	17	7	12	66
Consequências do Perigo/ Riscos			27	19	16	16	31	42	27	17	194
Forma Correta de Realizar a Tarefa			22	22	20	12	36	42	23	21	198
Razões para a Exposição ao Perigo	Trabalhador	Tempo/Pressa	5	7	5	4	5	10	7	2	45
		Qualidade do serviço	3	1	2	1	9	6	0	0	22
		Condição Física	0	4	3	1	7	6	4	2	27
		Razões Individuais	4	16	9	1	17	22	18	12	99
		Equipa	0	7	4	0	3	1	2	1	18
	Equipamentos		18	16	19	5	11	11	16	13	109
	Organização		7	13	20	2	5	12	12	6	77
	Meio Envolvente		12	6	7	0	5	8	6	0	44
	Novas formas de realizar o trabalho		10	16	9	0	34	30	24	16	139
	Dificuldades sentidas na atividade		0	2	7	0	38	22	21	8	98

4.1.1. Identificação do perigo

Tal como reportado no quadro anterior, os perigos mais identificados pelos trabalhadores estão relacionados com os Equipamentos, com 129 perigos identificados e a Carga Física com 161 perigos identificados.

Olhando para os dados da Categoria Identificação do Perigo no geral, podemos verificar que houve um decréscimo no número de perigos identificados relativamente à Sub-categoria Carga Física, sendo que na primeira sessão os participantes reportaram 59 situações de perigo, e na sessão 3 reportaram 41 (Figura 4.1.). O mesmo pode ser verificado para a Sub-sub-categoria Municípes, onde na primeira sessão foram reportadas 24 situações de perigo, e na sessão 3 reportaram 4. Já para a Sub-Categoria Equipamentos ocorreu o oposto. Na primeira sessão os participantes reportaram 17 situações de perigo e na sessão 3 reportaram 52.

Figura 4.1. *Frequências da Categoria Identificação do Perigo*



4.1.1.1. EPI's

Relativamente à categoria dos EPI's, os participantes identificaram 96 perigos relacionados, essencialmente, com a não utilização de coletes refletivos e bonés de proteção: “E também não estou lá a ver o capacete”; “Ai é de noite? Então o caso torna-se mais grave por não ter o colete, é verdade”; “Para mim não esta bem, para mim tá incorreto logo tudo. É que tu nem tens calças, nem colete, nem tens nada. É o fardamento”.

4.1.1.2. Equipamentos

Em relação aos Equipamentos, os participantes identificaram 129 perigos, relacionado com vários aspetos, tais como avarias nos equipamentos: *“Ainda para mais temos aí gruas que se abrem se a gente não estiver ali a segurar o manípulo”*; *“Fora os piscas e o rola que não tá nada a funcionar”*; desgaste das viaturas e equipamentos: *“Partiu tá a ver”*; *“Se eu não tiver cuidado aquilo desmancha-se tudo. Um gajo tem que andar a prender cordeis todos os dias. Os estribos andam assim (põe as mãos em posição perpendicular). Um gajo às vezes está a levantar o (...) e aquilo salta”*; falta de condições das viaturas e equipamentos: *“Isso é que é o forte desta casa, é que os equipamentos não estão em condições”*; *“Muitas vezes tem que ir com os pés em cima do tablier”*; *“E há uns carros que você consegue ver o chão. Dentro da cabine. Se for no inverno quilo é uma maravilha que parece que tem ar condicionado. No verão melhor ainda. Entra o frio por todos os lados. Temos aí carros desses também”*; e a antiguidade dos mesmos: *“O material já está velho”*.

4.1.1.3. Condução

Já na Sub-Categoria de Condução, os participantes identificaram 43 perigos relacionados com a realização da recolha de contentores em contramão: *“Tá em contramão”*; *“A viatura tá em contramão”*; condução em marcha-atrás: *“Quando andava na (...) e andava com a (...) e aquilo era tudo de marcha atrás e as.... A gente levanta a patilha, põe a marcha atrás e aquilo faz em altas. Eu passava ali. E uma vez fizeram queixa para cá “então o motorista anda mais rápido para trás. Este motorista que anda aqui agora anda mais rápido para trás que andam os outros para a frente. Não pode ser”. Era sempre a voar”*; *“Então tá tudo mal. Tá a fazer marcha atrás onde não pode”*; e o uso dos telemóveis enquanto conduzem: *“Mas há outros que fazem (refere-se ao falar ao telefone enquanto conduzem)”*; *“Que eu já vi, colegas nossos a conduzir e a mandar mensagens”*.

4.1.1.4. Coatividade

A Sub-Categoria da Coatividade foi a teve menos perigos identificados (32), estando os mesmos relacionados com a falta de atenção ao trabalho dos colegas: *“Também está mal. Eu acho que ela devia estar mais atenta. Primeiro está de costas para o motorista”*; *“Estão a subir para o carro fazer marcha atrás.”*; *“Se um gajo se põe fora do carro tira a visibilidade*

ao condutor.”; “Ele está a puxar o contentor sozinho”; e falta de comunicação entre os trabalhadores: “Porque estão a fazer descoordenado”; “Comunicação entre eles também não é a melhor porque”.

4.1.1.5. Carga Física

Em relação à Carga Física, os participantes identificaram 161 perigos, relacionados com posturas adotadas pelos trabalhadores no decorrer da atividade: *“Então esta foto, na primeira situação, ou melhor na primeira pergunta, é um risco que está a correr logo estar ali pendurado neh”; “O colega, neste caso, não devia de estar naquele sítio. O local dele é no chão.”; “de marcha atrás. Eu vou pendurado no estribo”; e com a realização de tarefas que requerem mais esforço físico: “E a força que se faz a levantar. Aquilo começa a abanar. Ou o pessoal agarra bem a corda ou deixa a corda e cai aquilo no chão”; “a recolha não está a ser feita corretamente. Claro que não, basta olhar para a foto. Porque ele está sozinho, não pode estar sozinho, não deve, por isso é que ele está naquela posição”.*

4.1.1.6. Meio Envolvente

Por último, na Sub-Categoria do Meio Envolvente, os participantes identificaram perigos relacionados com os Municípios e com as Condições Físicas do local de trabalho. Relativamente aos Municípios, os participantes identificaram 40 perigos, essencialmente relacionados com as práticas de condução dos mesmos: *“O gajo está mais exposto. Aquela distância, a gente tem mais tempo, está mais exposto a vir um carro, que é mesmo assim”; “A vir para a via pode vir um carro e também...”;* com o desconhecimento que os Municípios têm do que é a recolha de resíduos urbanos: *“As pessoas vêem o camião parar, mas acham que não vai acontecer ninguém, não vai acontecer nada nem vai sair ninguém. As pessoas não sabem, não têm noção do que é exatamente um carro do lixo”; “Pois. As pessoas desconhecem. Porque se você vier connosco num dia de trabalho vai reparar que a gente pára, por exemplo (...), à frente da passadeira, a gente sai, vai para trás e temos um carro encostado a nós”;* com o desrespeito pelos trabalhadores e pela sua atividade: *“Isto é uma passadeira, a gente estaciona o carro ligeiramente à frente que é porque, temos um contentor ou outro, ou um balde de algum dos lados da rua, eles não vêem o camião. Param em cima do camião.”; “E resmungam”; “Não têm respeito”;* e com o facto de os Municípios não respeitarem a sinalização de proibição de estacionamento colocada juntos dos contentores: *“Tá ali uma*

viatura mal estacionada”; “Era um castigo porque está cheio de carros”; “viaturas a obstruir”.

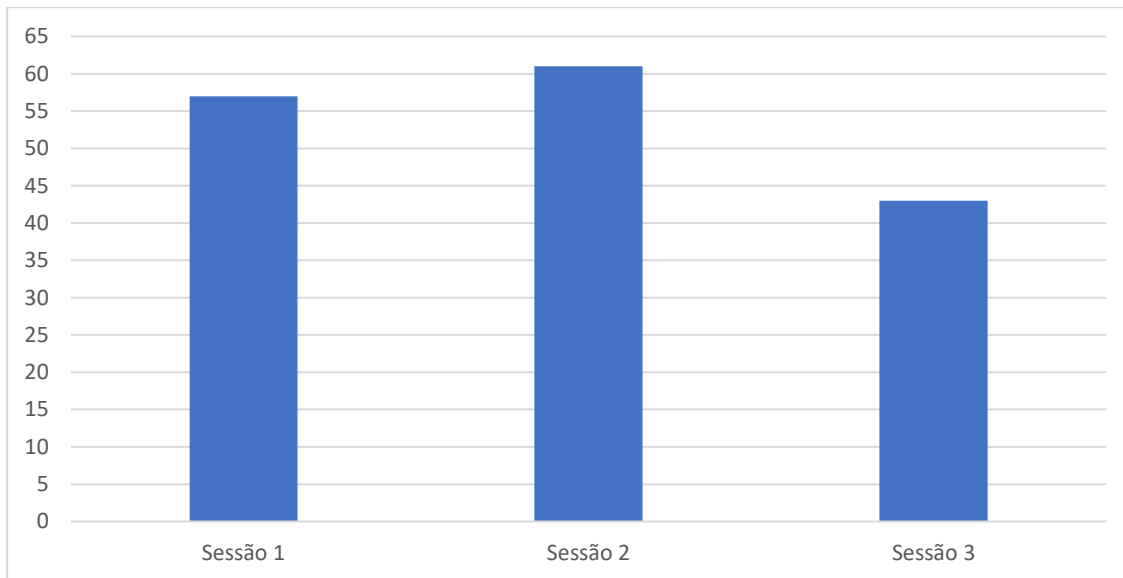
Relativamente à Sub-sub-categoria Condições Físicas, os participantes identificaram 66 perigos relacionados com o mau estado dos parques de contentores: *“Temos centenas de parques como está aquele. Com buracos à frente”; “Não tem alcatrão”; “É a situação do piso estar muito cheio de gorduras, cheio de água”;* com fatores físicos que dificultam ou impedem a recolha dos contentores: *“também não sei até que ponto, com aquele poste que ali está, o colega está com bastante visibilidade digamos assim porque, os manípulos dá a sensação de estarem na direção do poste ou um bocadinho antes do poste, pronto. Não está bem específica a imagem para... aquilo tem manípulos de um lado, tem manípulos do outro não é, mas às vezes há pequenas coisas que podem tapar a visibilidade do condutor ou de algum que está neste caso a manobrar a grua e não vê o que está, pronto, em sua volta”; “Bairro (...), um cabo que havia lá dos telefones, da EDP, dos telefones, quase a bater no camião”;* e, por último, referem também fatores atmosféricos: *“Aqui é muito poluído.”; “Isto também depende das épocas. No inverno é sempre provável que isso aconteça. O lixo está húmido. Acontece sempre.”; “Quando estamos a descarregar o papel, se houver vento o papel vai todo para o chão”.*

4.1.2. Consequências do Perigo/ Riscos

Na Categoria Consequências do Perigo/Risco os participantes identificaram 194 consequências dos perigos identificados. Os participantes mencionaram consequências para o próprio trabalhador: *“Então, e depois é assim, eu meti assim, entalamentos, sobrecarga nas costas, nas pernas, lesões musculares, foi o que eu meti aqui”; “Risco de queda”; “Sujeito a cair, a ser projetado do carro, como já aconteceu, por uma lombagem ou por uma curva”; “Levar com algum objeto visto que não está devidamente longe da grua não é! Pronto.”;* consequências para os munícipes e o meio envolvente: *“Por isso aconteceu o contentor cair em cima de um carro a semana passada.”; “É que abriu, não aguentou, deixou a corda, a corda abriu e caiu em cima de um carro”;* e ainda consequências que podem decorrer de fatores externos à atividade: *“aqui os colgas mencionaram uma história de um colega que estava a recolher lixo e que veio um carro e que o apanhou pelas pernas. Logo ali também, como vemos é um risco muito grande para os cantoneiros”; “Atropelamento”.*

Olhando agora para os dados desta Categoria, podemos verificar que houve um decréscimo no número de consequências identificadas sendo que, na primeira sessão, os participantes reportaram 57 consequências e na sessão 3 reportaram 43 (Figura 4.2.).

Figura 4.2. *Frequências da Categoria Consequências do Perigo/Risco*



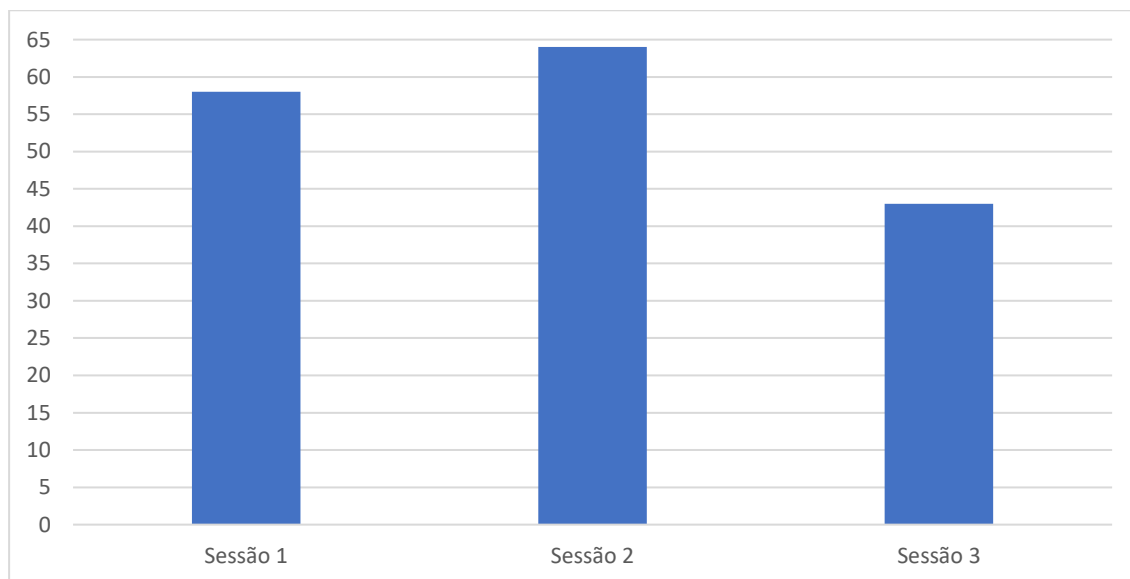
4.1.3. Forma Correta de Realizar a Tarefa

Já a Categoria Forma Correta de Realizar a Tarefa é aquela com uma frequência mais elevada, sendo que os participantes reportaram 198 formas de realizar as tarefas apresentadas de forma correta. Os participantes fizeram referência ao manuseamento dos equipamentos: “Normalmente tem uma corda na parte de baixo que é destrancada e a corda é segura pelo cantoneiro até o molok chegar lá em cima onde está a compactadora que é para aliviar a corda para aquilo começar a abrir”; “porque o contentor tira-se com jeitinho mas quando tem peso se a gente pedir se faz favor ele não vai, tem que se usar a pega.”; “Se tiver a barra fechada bate na cintura e a pessoa tem um bom equilíbrio”; “O carro só abana se não tiver as patolas”; ao trabalho em equipa: “Para já devia de ser duas pessoas, e aquela recolha tem de ser feita a dois e de lado, não de frente.”; “numa descarga normal, o motorista está a manobrar a grua e o cantoneiro esta no chão, com a corda esticada mas fora do alcance...”; “Regras básicos, seja trabalho em conjunto, falem”; ao uso do fardamento e EPI’s: “A gente tem que andar com roupa justinha ao corpo”; “Temos um boné de proteção, género quase capacete que se usa”; “O que fazer nestas situações é aquilo que todos nós sabemos, usar o

equipamento de segurança, o fardamento apropriado, com... de visibilidade”; aos procedimentos de segurança durante a recolha dos resíduos urbanos: “A situação correta para se fazer isso, é aquilo que não se faz por vários motivos, que é: Fazer um perímetro de segurança, sinalizar o carro todo à volta, e deixar espaço para se fazer o trabalho.”; “Tá um cantoneiro ali a mandar parar o trânsito, e vem o outro a acompanhar a manobra”; e, por último, fizeram referência a aspetos de postura: “As pernas têm que trabalhar, as pernas é que fazem força (e faz o gesto de fletir as pernas com a coluna direita e volta a subir)”; *“Neste caso ele devia de estar ao lado do contentor e não atrás pronto”; “Portanto havia de tar com os pés apoiados como deve de ser”.*

Olhando agora para os dados desta categoria, podemos verificar que, tal como na categoria anterior, houve um decréscimo no número de consequências identificadas. Na primeira sessão, os participantes reportaram 58 formas de realizar as tarefas de forma correta, e na sessão 3 reportaram 43 (Figura 4.3.).

Figura 4.3. *Frequências da Categoria Forma Correta de Realizar a Tarefa*



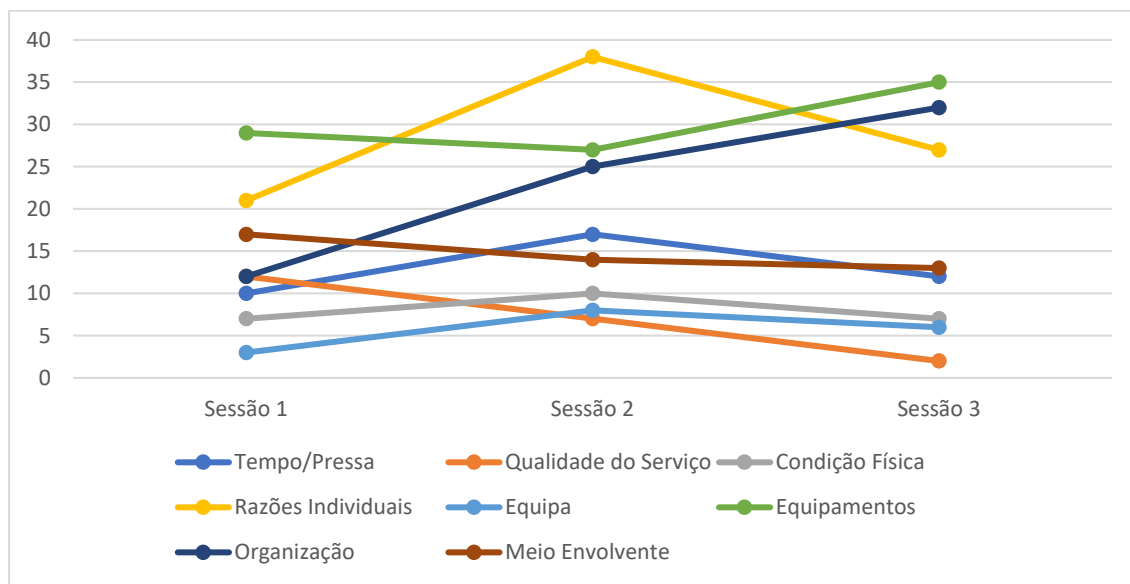
4.1.4. Razões para a Exposição ao Perigo

Em relação aos motivos enunciados pelos participantes para se exporem ao perigo, destaca-se a Sub-sub-categoria Equipamentos com 109 motivos enunciados pelos participantes.

Olhando para os dados da Categoria Razões para a Exposição ao Perigo no geral, podemos verificar que houve um decréscimo no número razões identificadas relativamente à

Sub-categoria Meio Envolvente, sendo que na primeira sessão os participantes reportaram 17 motivos de exposição ao perigo, e na sessão 3 reportaram 13 e à Sub-sub-categoria Qualidade do Serviço, sendo que na primeira sessão os participantes reportaram 12 motivos de exposição ao perigo, e na sessão 3 reportaram apenas 2 (Figura 4.4.). Já para a Sub-Categoria Equipamentos e na Sub-categoria Organização ocorreu o oposto. Na primeira sessão os participantes reportaram 29 e 12 motivos de exposição ao perigo, e na sessão 3 reportaram 35 e 32, respetivamente.

Figura 4.4. *Frequências da Categoria Razões para a Exposição ao Risco*



4.1.4.1. Trabalhador

Em relação à Sub-sub-categoria Tempo/Pressa, os participantes enunciaram 45 motivos para a exposição ao perigo, tais como o facto de quererem fazer o trabalho no menor tempo possível: “É pressa. De despachar o trabalho para o contentor a seguir e não calcular os riscos que acontecem”; “As pessoas querem entrar a horas e sair cedo”; “o querer despachar o circuito.”; o facto de acharem que os circuitos são muito grandes: “Isto é mesmo assim. Nós temos circuitos muito grandes. Se não for assim não se faz metade”; “Mas se forem a fazer isso então não fazem um quarto de volta.”; e a pressão para terminar o serviço: “O stress do trabalho para acabar”.

Já na Sub-sub-categoria Qualidade do Serviço, foram registados 22 motivos pelos participantes, sendo estes relacionados com o facto de os trabalhadores tentarem evitar a

acumulação de resíduos urbanos: *“Como é que é possível eu não tentar porque é assim, imagina são quatro da tarde, ou três e meia da tarde, eu estou a fazer, se tiver aqui ao lado venho aqui mas se tiver longe, a gente vai tentar tirar o contentor, só se não conseguir mesmo, porquê? Porque se eu tiver que parar de trabalhar para ir para cá com o carro, vou perder uma hora e tal aqui para tirar o contentor e já não vou fazer nada, e depois em vez de ficar lá 10 toneladas, amanhã estão 12 ou 15 ou 20 está a perceber? Quer dizer, a gente tenta sempre fazer”*; *“A gente não pode ficar lá a estorvar os outros. Temos que tirar o carro dali para os outros conseguirem trabalhar”*.

Na Sub-sub-categoria Condição Física foram registados 27 motivos pelos participantes, sendo os mesmo relacionados com condições físicas dos trabalhadores que os impedem de realizar as tarefas de forma correta: *“Não, na posição que a cantoneira está é derivado ao desgaste físico que ela tem, então não tem outra hipótese de trabalhar de outra maneira”*; *“como já aconteceu com colegas nossos, que às vezes por condições pessoais não têm força suficiente para o contentor”*; e com o facto de ser uma atividade fisicamente muito exigente e cansativa: *“E isto é muito cansativa”*; *“Para poupar o físico porque ele vai ter que andar muito. De um lado para o outro, de um lado para o outro, despeja volta para o camião, na na na na... Agora chegar ali devagarinho e voltar para trás não. Não funciona”*.

Em relação à Sub-sub-categoria Razões Individuais, os participantes identificaram 99 motivos para se exporem ao Perigo, tais como o hábito: *“É o hábito das pessoas”*; *“E sinceramente não estou habituada a andar, só isso. Não uso porque não estou habituada a usar.”*; *“É uma posição má, mas é uma a posição que todos adotamos, fazemos diariamente é assim. Eu em minha casa não me vou baixar”*; o facilitismo: *“isto acontece muitas vezes que agente acha que, ok. Tá tudo bem, não acontece nada, e tal. E vamos fazendo. Isso é muito corriqueiro aqui.”*; *“muitas das vezes é o facilitismo”*; o desconhecimento: *“Eu desconhecia completamente que não se podia ir em cima do estribo de marcha atrás”*; *“Mas quem não sabe comete erros”*; o stress: *“Mas quem não sabe, ou quem no momento de aflição. É o suficiente para entrar ali em”*; ou ainda por motivos de personalidade (referiram preguiça e teimosia): *“O correto é assim, mas ninguém vai fazer, nem agora nem daqui a 10 anos. Vai continuar a ser assim.”*; *“Preguiça”*; *“fazem porque querem”*; *“Mas ninguém respeita isso”*.

4.1.4.2. Equipa

Na Sub-categoria Equipa foram registados 18 motivos de exposição ao perigo pelos participantes, sendo os mesmos relacionados com a proteção dos trabalhadores: “*E geralmente a gente afasta o coiso para os cantoneiros não escorregarem*”; “*Assim estão mais protegidos*”; com a necessidade de facilitar o trabalho dos colegas: “*Para o cantoneiro é melhor. É menos esforço físico, porque a gente ao puxar estamos mais perto do que estar a fazer mais força para vir pro pé da viatura que se tiver na outra faixa*”; “*O cantoneiro tá chegado para cá para o motorista poder fazer a manobra*”; e com a falta de comunicação e organização entre os elementos da equipa: “*Acontece tanta vez com as manobras. Um esta a mandar avançar e ou outro esta a mandar parar.*”; “*Na própria equipa, um cantoneiro diz que não mas o outro diz que já não se importa*”.

4.1.4.3. Equipamentos

Em relação aos Equipamentos os participantes identificaram 109 motivos para se exporem ao risco, apresentando argumentos tais como a falta de condições nas viaturas: “*Porque a caixa tem uma base assim e a gente sabe que os pés, estando direitos, não é fácil de nós cairmos. A gente consegue equilibrar. Não é termos os pés em cima de um ferrinho conforme tá ali. Pronto o ferro não tem estabilidade para os pés*”; “*E os rolas não estão todos ligados, ainda agora andei com dois carros onde eles nem ligam sequer*”; “*Porque o camião não tem as palas como deve ter. Esse é um dos motivos. Sem lá ter as palas a água vem ter com a gente*”; o desgaste dos equipamentos: “*E normalmente aquilo tem um bocado de dificuldade a abrir, devido ao material que já está um bocado mais gasto, e não sei quê. Então isto é uma das hipóteses de ir lá tentar abrir. Eu sei que está a correr um bocado de risco*”; a falta de viaturas ou de equipamentos: “*Havia poucos carros*”; “*Mas algumas já desapareceram.*”; “*É a rica frota que a gente tem. E então nós. Eu principalmente. Eu e os meus colegas. Os carros mais velhos que estão aí é os que a gente anda. Por isso já vê.*”; a existência de EPI's inadequados para o tipo de atividade realizada: “*Que eu não me dou com aquilo, não consigo. Não tenho sensibilidade. E o que é que é pior? Para um motorista? É não ter sensibilidade. Eu não tenho. Se calhar sou eu. Os outros têm. Eu não tenho sensibilidade a conduzir com aquelas botas. Eu não sinto nada. Não sei o que é que ando lá a fazer*”; “*O colete torna-se mais quente.*”; “*Porque o colete é solto e fica preso em qualquer lado*”.

4.1.4.4. Organização

Já na Sub-categoria Organização, foram registados 77 motivos de exposição ao perigo pelos participantes, sendo estes relacionados com a falta de formação: *“A gente não tem formação”*; *“Eu sou dos poucos que tem formação em cantoneiro de limpeza”*; *“A gente não tem formações. Pessoas com 20 anos de casa não têm formação”*; com o facto de os trabalhadores não serem consultados sobre a colocação de contentores na via pública: *“Não falam com a gente. Metem em sítios que não deviam”*; *“A maior parte das coisas são feitas sem falar com a malta do terreno. E isso tá mal feito. Não é porem ecopontos num lado, não avisam as pessoas, a porem contentores não avisam as pessoas. E depois é papeis que vêm ”olha tens aqui uma reclamação”. ”uma reclamação? mas eu não sabia que havia aqui”*; *“Os senhores da distribuição que vêm uma estrada e acham graça ”vamos pôr 3 daqui, 3 daqui, 3 daqui” (indica a posição de contentores em lados opostos da via). Mas esquecem-se que a rua segue ali, temos que ir dar à rua de baixo. Então temos que chegar lá ao fundo, dar a volta e vir para trás. Só que às vezes não temos essa possibilidade, de dar a volta e vir para trás”*; com o excesso de burocracia: *“Não quer dizer que o meu chefe até não faça e que mande. Não vou dizer isso. Se calhar até faz neh. Passa tanto tempo sem fazer nada, tem calo no cu, tem que fazer alguma coisa. Deve escrever muito. Então se escreve deve mandar. Não estou a dizer que ele não faz. Também estava a ser incorreto. Só que se calhar ele manda para alguém que, depois daqui tem que mandar para ali, dali tem que mandar para ali, e depois aquilo perde-se no caminho e ninguém faz nada”*; *“Agora não. Tem que se preencher uma requisição, depois tem que se estar à espera. Esqueça lá isso”*; com a pressão exercida pela organização para que o trabalho seja realizado: *“Os desgraçados quando foram mandados para lá ”isto tem que ser feito, isto tem que ser feito, seja qual a condição que for” e eles coitados lá estão a fazer.”*; *“Depois aqui, não querem saber se a gente fez o trabalho com segurança, se fizemos os trabalho sem segurança. Querem é o trabalho feito. ”Então não fizeste estes contentores porquê?”*; com o facto de os ordenados serem baixos: *“Mas eu não condeno o homem sabe porquê? Porque a gente recebe muito pouco”*; e com o facto de as viaturas não serem reparadas: *“Vai para a oficina, porque tem um problema, levam a camioneta. A gente coiso, volta a pôr o pano porque aquilo continua a entornar óleo”*; *“E porquê? ”Ah porque há carros para andar, aquela fica ali”. Não se trata, não se cuida logo, fica ali. Só mesmo quando diz assim ”opah não há”. Então vai-se ali, te te te te, fazer à pressa”*; *“quantidade de carros. É da gestão. Da gestão da empresa mesmo, vem logo lá de*

cima. Desde que eles mandem a autorização, o nosso chefe diz assim "olha tenho aqui a requisição, pode ir para a oficina tal". E o carro vai. Ao fim de 1 semana tá reparado. Mas enquanto não vier essa autorização do engenheiro lá da ... que não vier a autorização lá de baixo o carro não pode ir para a oficina. Às vezes complicam a situação. Uma porque se calhar já não há verbas no mês, ou porque sim sei lá. A gente já tem visto aí situações que é mesmo só porque sim. E depois só se faz o que eles querem e faz-se uma grande cagada".

4.1.4.5. Meio Envolvente

Por último, na Sub-categoria Meio Envolvente foram registados 44 motivos de exposição ao perigo pelos participantes, sendo os mesmos relacionados com os munícipes: *"Nós sabemos, eu ele, somos motoristas e sabem que nos estamos a meter em problemas. Se alguém, propositadamente até, que nos queira bater, pode nos bater (fala em bater na viatura). Nós estamos metidos em problemas. Mas suponhamos que é um alcoolizado, bate-me na frente do carro sim senhora mas não bate no cantoneiro"; "Mas tive... Não devia ter feito. Deixava lá um trânsito descomunal. Mas disse "não, vou tirar o carro daqui para as pessoas passarem". Meti o carro na rotunda já não estorvou. Porque se eu deixasse o carro ali. Minha senhora, você nem imagina a confusão que ia ser ali. Aquilo é um centro de vendas, de compras, toda a gente passa ali, é uma estrada com muito trânsito e é complicado. Ou seja, só mesmo sabendo a real razão. Claro ninguém vai andar assim 100 metros com isso levantado."; com a existência de carros mal-estacionados na via pública: "O problema é os carros ali estacionados. Se tentares fazer, o estribo bate sempre nesse carro", com a existência de condições inadequadas nos parques dos contentores: "Ou porque está tudo cheio de porcaria, para um gajo não estar a pôr os pés lá dentro"; "Por os fios estarem demasiados baixos, ele teve que contornar para passar os fios."; "Mas o chão não é culpa deles. É culpa da câmara que não arranja"; e com as condições atmosféricas adversas: "Por causa de estarmos com o tempo da chuva, pode ser que esteja o piso molhado, para evitar levar com a água ali nos pezinhos"; "porque é de noite".*

4.1.5. Novas Formas de Realizar o Trabalho

Na Categoria Novas formas de Realizar o Trabalho os participantes sugeriram 139 mudanças de poderiam ser realizadas de forma a facilita a realização das tarefas e reduzindo a exposição ao risco. Os participantes fizeram sugestões relacionadas com mudanças que

poderiam ser feitas nas viaturas: “Nessa situação, para mim, a nível de sugestão, seria ideal um estribozinho de segurança para não se estragar a caixa, primeira, e para ter mais estabilidade para o cantoneiro conseguir trabalhar mais à vontade.”; “Aqueles carros deviam ter um ferro extensível lá dentro que a gente pudesse abrir. Por exemplo um ferro que tivesse assim um metro que se transformasse em dois. A gente devíamos ter naqueles carros, devia ser obrigatório, nos carros da lateral, devíamos ter um ferro aí desta grossura que desse para a gente manusear, que tivesse um metro mas que desse para estender a dois. Porquê? Para tu te poderes pendurar lá em cima, sem ires lá para dentro e depois poderes bater lá para aquilo ir para baixo. Com uma parte assim, imagina.”; com os EPI’s: “Mais valia pôr duas listas aqui (refere-se a colocar duas faixas refletoras nas camisolas) e ta tudo na mesma. Fica tudo bem. Veste uma t-shirt pronto, acabou. É mais justinha ao corpo”; “Por isso é que eu digo. O capacete vinha mas era para todos.”; com o trabalho em equipa: “Conforme eles estão a puxar um contentor, se não conseguirem puxar, chamam o semireboque eu vou lá ajudar. Não é preciso chamar a assistência em viagem.”; com a adição de mais circuitos, reduzindo o tamanho dos já existentes: “O que seria com, talvez as voltas mais organizadas, mais voltas.”; com a eliminação dos tipos de recolha que têm mais riscos associados: “O que se pode mudar? Para mim esses trabalhos acabavam! Recolha de moloks com gruas, isso é um risco grande, e lateral, para mim, é uma das soluções que correm muito menos riscos: o contentor fica preso, é elevado na mesma, faz a descarga, e acaba por ficar no mesmo sítio, não anda nada suspenso. Acho que é muito mais seguro, tanto a nível de lixo como seletiva, pronto, seletiva e indiferenciada. E é tudo.”; “Está é uma daquelas situações que a gente estava a dizer que havia de acabar. É os cestos”; com medidas preventivas durante a condução e recolha de resíduos: “Mas eu, pessoalmente, ligo antes de chegar, uns centímetros, uns metros até ao contentor. Porquê? Porque é assim, se eu vou parar, a pessoa de trás não sabe onde está o contentor, se eu vou parar ali ou não, não é? Então eu ligo sempre os quatro piscas.”; “Eu pessoalmente já optei. Chego ao ponto, chego lá a meio, não dá, não vou. E escrevo na folha. Eu não me vou pôr ali a sacrificar, nem a mim, nem o camião, que é mesmo assim, para a frente, para trás, para a esquerda, para a direita, sujeito a dar um toque, e a ter problemas. Quando aquilo pode perfeitamente bem ser resolvido, e estar ligeiramente aquilo mais para a frente e estar direito”; com a reorganização dos parques de contentores: “Ou pôr no lugar do carro (fala do contentor) ou então tiravam aquele estacionamento e punham proibido estacionar. Para quê? Para a pessoa também poder manejar melhor o contentor, não é.”; “Aquilo ali só havia uma forma. Era puxar os contentores mais para a estrada. E é a única forma de...”;

com a necessidade

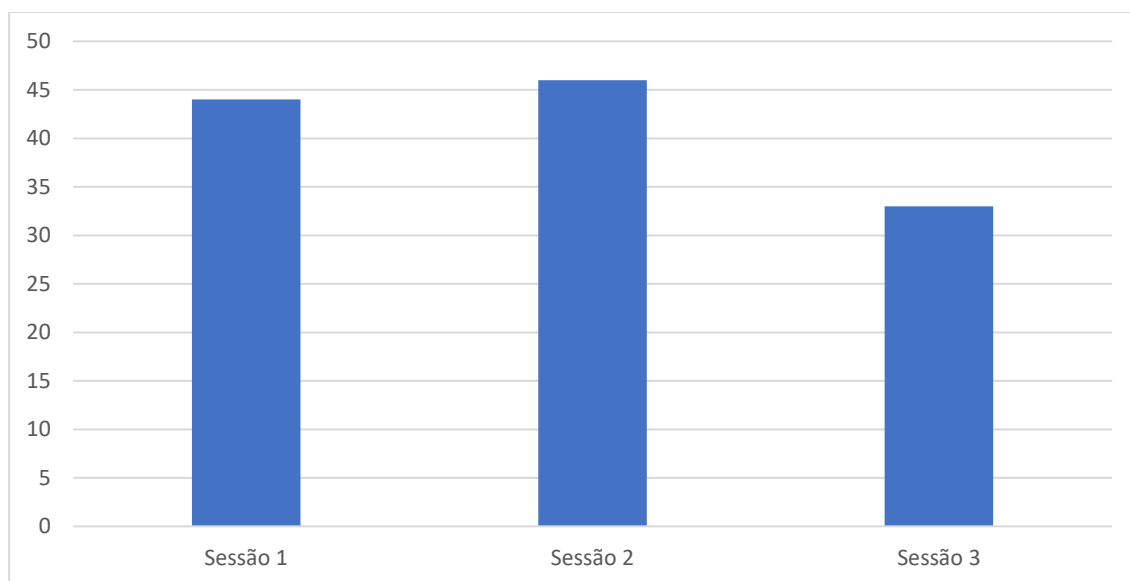
de envolver os motoristas e cantoneiros na planificação da sua atividade e na aquisição de equipamentos: *“Eles olham aqui para isto “ah vamos meter aqui”, mas não vão lá ver com olhos de gente e dizer “epá imagina que tá”. Ou até pedir a um, “epá tens aí um gajo de reserva, pede a um motorista com um camião para vir aqui ter a esta rua”. A gente chega lá, tem o camião, epá aqui não dá”; “Mas isto aqui sempre foi assim e há de continuar. Compram um carro, não são capazes de chegar ao pé de meia dúzia de pessoas, não tem que ser o (...) ou o (...). Também é motorista. Agarra 4 ou 5 “olhem venham cá. O que é que vocês acham que a gente precisa para este tipo de trabalho? São vocês os 4 que costumam andar naquele serviço, o que é que vocês acham?”. Outro serviço. “Oh (...) venha cá. Tu que andas nos monos o que achas deste carro, os buracos para meter as coisas. Chamar os cantoneiros. Vocês que andam aqui neste serviço o que é que acham?”. Já que vão gastar dinheiro em carros, não podem comprar porque é verde e porque é bonito para a televisão. Tem que ser útil”; com a aquisição de novas viaturas: “São voltas mais pequenas. No X têm carros mais pequenos a fazerem as voltas. Nós temos aqui olha na X são ruas muito pequenas e apertadas, devia de ter carros mais pequenos, com os baldes mais pequenos para fazer aquele serviço.”; “Encostar esses carros e meter mais carros como esses novos que temos. Mas é carros em condições. Não é como esta última que veio que não vale nada”; com a gandaia²: “Só digo a eles. Vocês o que trouxeram levem as coisas para dentro do carro. Tragam o que estiver limpo, arrumem, guardem. Primeiro têm de falar comigo. Que se vierem armados em espertos nem entra lá dentro da cabine. Que isto é mesmo assim. Se as pessoas forem, as pessoas que falem”; com a importância de informar/educar os munícipes sobre a recolha de resíduos urbanos: “Se houvesse um bocadinho mais de informação também era capaz de... Por exemplo, um reclamezinho na televisão de vez em quando, mesmo nas escolas”; com a aquisição de um ginásio e umas aulas de aquecimento antes de iniciarem a atividade: “Mas eu tinha uma maneira de isso mudar e termos tanta tanta a gente assim. Sabe porquê? Houve uma altura, há uns anos atrás, até houve um colóquio. Aqui há uns anos atrás e foi falado. Eu como faço ginásio há muitos anos e tenho um vasto conhecimento de tudo o que se pode fazer num ginásio. Por experiência própria também por função neh. Por ensinar os outros e também por aprender, vamos ganhando conhecimento. Esta casa devia de ter, como tem outras. Têm tanto espaço vazio, estragam o dinheiro em tanta coisa, já que não querem dar dinheiro aos trabalhadores, deviam ter um ginásiozinho, obrigar os funcionários, ter alguém que soubesse, fazer movimentos para corrigirem, e fazer um bocadinho de*

² Gandaia é o nome que os trabalhadores dão quando retiram resíduos urbanos dos contentores ou arredores e guardam para posterior venda ou para uso próprio.

esforço. Se calhar mesmo aqueles que nunca fizeram nada, se calhar até iam fazer e até iam achar graça. Se calhar o (...) nunca fez isso mas se calhar ia lá até podia gostar. Se calhar sozinho não ia mas se fossemos 4 ou 5 até ia. Ninguém está ali para se matar, é tipo, é tipo, é tipo uma brincadeira.”; “Chegamos ali todos à sala, ali no largo, bacano, 30 gajos, não é preciso grandes coisas. Para trás para frente (faz gestos de alongamentos). Tudo o que a gente faz aqui. Mexer pescoço, braços. O pessoal leva aquilo tudo a palhaçada, parece que estou a ver todos a gozar uns com os outros, na brincadeira. E isso ajudava muito. Mas ninguém deu ouvidos a isso. Eu falei disso há muitos anos atrás. Mas ninguém deu ouvidos a isso”; com a criação de uma equipa de limpeza de parques de contentores; “Fazer como aqui há uns anos, que no dia anterior saía um carro a limpar as ruas, o chão à volta. E quando passava lá a grua era só a função deles. Era só pôr o contentor lá para dentro. É a coisa que nunca mais se ouviu falar e é a coisa que mais falta faz hoje em dia. E ajuda muito a esta recolha. Porque eles depois só se limitam a recolher o contentor. Não precisam de fazer mais nada”; com mais formação para os trabalhadores: “Quanto mais formações vier melhor para a gente também”; “Mais formação”; e com a criação de um sistema punitivo para o incumprimento de regras: “Um dispositivo no bolso, apita”.

No que concerne à Categoria Novas Formas de Realizar o Trabalho no geral, podemos verificar que houve um decréscimo no número de sugestões feitas, sendo que na primeira sessão os participantes reportaram 44 sugestões, e na sessão 3 reportaram 33 (Figura 4.5.).

Figura 4.5. Frequências da Categoria Novas Formas de Realizar o Trabalho



4.1.6. Dificuldades Sentidas na Atividade

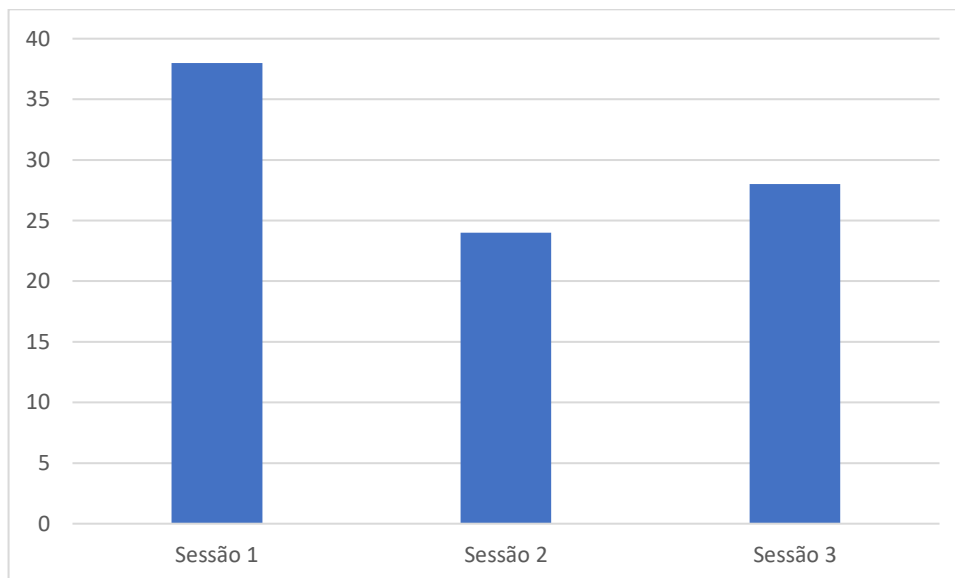
Na Categoria Dificuldades Sentidas na Atividade os participantes relataram 98 dificuldades, sendo estas relacionadas com a baixa participação dos trabalhadores, nomeadamente o facto de a sua atividade ser planeada sem consultarem os trabalhadores: *“Não perguntam à gente como é que é, como é que não é”*; *“Aqui nesta casa ninguém pede a opinião de quem trabalha. Põe aqui um carro, desenrasquem-se”*; com os carros mal estacionados perto dos contentores que impedem a recolha dos mesmos: *“Por que se formos a ver, imaginemos que a pessoa estaciona, ora se aquilo é um estacionamento, a pessoa não está a ver se está muito perto do contentor se não está, se está a estacionar longe, pronto. Imaginemos que aquele carro vermelho estava muito perto do contentor, como é que os colegas dali tiram o contentor? Não tiram.”*; *“Um Peugeot nunca me deixava fazer a recolha mano, era sempre o mesmo, sempre o mesmo.”*; com os munícipes: *“Havia uma senhora que não queria que o lixo fosse junto com os das vizinhas”*; *“Cheguei aqui da volta e diz-me ele assim “Ó X no X há lá um sítio que diz que vocês não vão buscar dois contentores ou três, três baldes.” E eu disse ao chefe “Oh chefe isso não é normal, você está a ver isso mal. Sou eu que lá ando e você não é mais sério que do que eu...” “Ah mas eu não estou a dizer isso”. Só disse a ele “Você tem aí o seu carro? Então dê cá a chave do seu carro. Vamos os dois, mas vou eu a conduzir que você demora meia hora para chegar lá”. O X foi o caminho todo assim agarrado, fui sempre a voar até chegar lá. Cheguei lá e parei o carro e disse “Então diga-me lá onde é que estão os contentores?”. Os baldes neste caso. Tão lá dentro da rede que está fechada. Quais são as ordens que eu tenho? Não entrar em nada que esteja fechado. As pessoas metem os contentores na rua e a gente vaza-o. Eu disse-lhe mesmo. “Imagine que eu vou lá dentro e o homem diz que lhe assaltaram a casa e que roubam lá não sei o quê”. “Imagine que o homem tem lá um cão e o cão me vai morder quem é que vai pagar isso?”. “Então olhe, fiz a rua toda estes dois contentores estão fechados.”*; *“Já cheguei a apanhar munícipes e as pessoas dizerem “então não vai fazer aquilo?” “Não, aquilo não é o meu serviço” “Ah eu vou fazer queixa. Vocês estão aqui e não fazer aquele serviço”. E eu depois tenho que explicar à senhora, “minha senhora, aquilo é papel e eu estou a fazer plástico”*; com o facto de sentirem que não existe uma preocupação com seu estado de saúde: *“Nunca houve aqui uma preocupação esta casa “olha não está bom vamos ver o que é que tem””*; com constrangimentos da própria atividade: *“Eu apetece-me parar para beber um café eu bebo. Eu quero parar para ir à casa de banho, paro. O carro não tem WC. Uma vez ao piquete das águas respondi e disse assim ao responsável máximo das águas da altura. Ele “ah já o chamei 3 vezes, e senhor não ouviu?”. E eu “Até podia chamar 10. Quando o carro*

tiver WC eu não preciso de me ausentar da viatura. Até lá tem que ter paciência””; com o facto de sentirem que a sua opinião não é tida em consideração; “*Quando falaram aqui dos relatórios só me apeteceu rir. Aqui há 10 anos nós fazíamos isso. Eu chegava aqui, no circuito (...), fiz reclamações, isto está estragado, aqui precisa de mais uma bateria, aqui faz falta um contentor. Não puseram lá um contentor. Foi para lá o privado, os contentores que eu pedi para meter no sítio estão lá todos. Depois não querem que eu pense mal. Não querem que eu pense o quê? Que estava feito? Que estava arranjadinho? Eu digo isto na cara deles! Era eu que os pedi. Nunca meteram lá nada. Agora tão lá. Estranho. Muito estranho*”; com equipamentos inadequados para a atividade: “*E mesmo para as pessoas que usam. Por exemplo ali é papel. Aqueles buracos da entrada são tão pequenos que a maior parte das pessoas deixam isso no chão. Eu sou-lhe sincero, quem fez isso... Depois dizem que eu tenho mau feitio. Quem fez isto foi só para meter dinheiro ao bolso. Porque isso é um serviço que não presta para nada. Opah para o vidro até consigo perceber os buracos porque o vidro normalmente é garrafas, para o plástico até se come. Agora para o papelão!!! Apesar de nenhum deles prestar. Agora para o papelão. Eu já fiz esse serviço, poucas vezes mas já fiz. Também fiz porque quis fazê-lo para nunca andar a dormir. Não é o meu serviço mas já fiz algumas vezes e, modéstia à parte, não gosto desse serviço. E o papelão então é o pior porque a maior parte fica no chão. Depois enche com facilidade. Não tá bem correto. O ideal era ser iguais aos do lixo, mas as pessoas também têm de ser mais civilizadas para não encherem aquilo de lixo.*”; com o facto de sentirem que a organização não valoriza o seu esforço e dedicação: “*Por isso deviam ter vergonha quando falam da gente. Deviam ter vergonha. Agora temos carros mais ou menos bons, mas eu fiz aqui serviços com carros que não tinha ponta por onde se pegasse. E a gente fazia o serviço. Valor, zero. Isso é que eles se esquecem rápido disso. Enquanto outros que não saíam para a rua por causa de um pisca, hoje são chefes. Tá a ver como é que é?! A vida.*”; “*Melhorou muito claro que sim. Não vamos estar a mentir. Mas custa-me muito quando as pessoas vêm falar, estão aqui há meia dúzia de dias. Ou que já foram corridos daqui e voltaram para cá. Por causa da política, não por serem bons. Por serem corridos e voltaram. Depois vêm falar daquilo que não sabem. Ou vêm para aqui e caem de paraquedas, não percebem nada disto, zero. E depois vêm a querer ensinar os outros o seu trabalho. Isso custa-me imenso. Eu não lhe posso ensinar o seu trabalho. Mas a senhora não me pode ensinar o meu*”; e com a falta de condições nas instalações: “*Aqueles balneários nunca estiveram em condições. A maior parte dos urinóis estão estragados. E eu pergunto. Então mas vão arranjar aquilo quando? Ou estão à espera que a gente comece todos a urinar onde se toma banho? Eu não fui criado assim! Os urinóis*

estão todos estragados”; “Eu sou obrigado a pôr a minha roupa lavada ao pé da roupa que estou a usar. Depois tiro e tenho que pôr outra. E quando compraram os armários. A gente fala... Depois não querem que eu ande a dizer que alguém anda a meter dinheiro ao bolso. Então mas quem comprou os armários, não sabia ver isso? Não viu? Perguntou a alguém? Sabe porque é que não perguntou? Porque quem fez os negócios, desculpem lá dizer isto, são os doutores ou engenheiros em qualquer coisa e não usam os armários. Não tomam banho ali, não sabem nada do que se passa ali. Como é que eu vou falar de uma coisa que eu não tenho conhecimento? Entende? Eu falo daquilo que a senhora me diz "aquilo ali é verde porque assim é verde" e eu sim senhora. Agora se eu tiver conhecimento do que é que é, se eu passar por ela eu dou muito valor. E aqui não dão”.

Quanto aos dados da Categoria Dificuldades Sentidas na Atividade no geral, podemos verificar que houve um decréscimo no número de dificuldades reportadas, sendo que na primeira sessão os participantes reportaram 38 dificuldades, e na sessão 3 reportaram 28 (Figura 4.6.).

Figura 4.6. *Frequências da Categoria Dificuldades Sentidas na Atividade*



4.2. Resultados dos Questionário

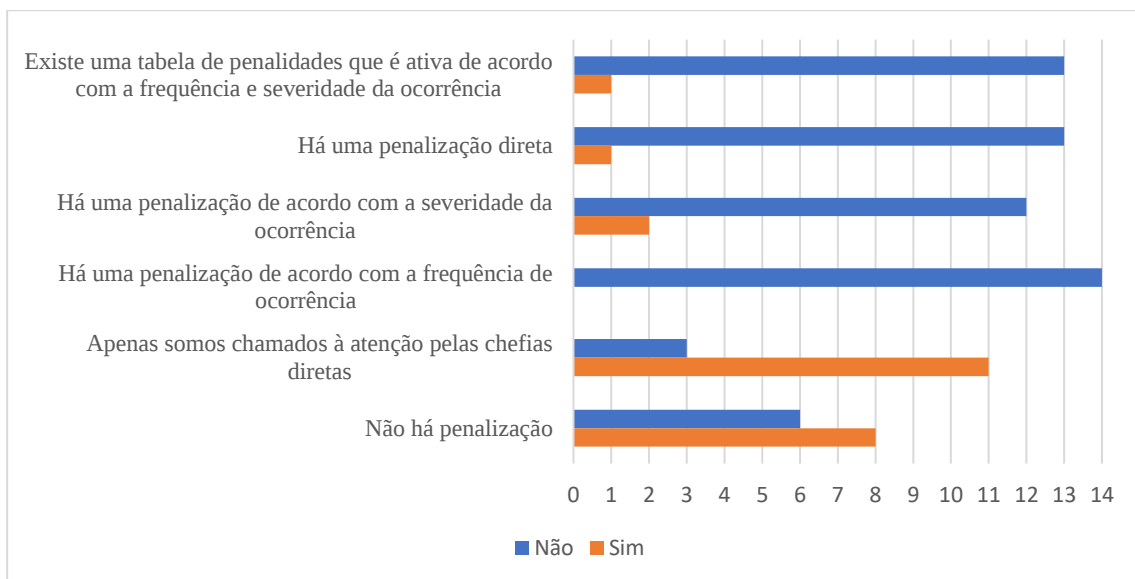
Os resultados do questionário irão ser divididos em dois subcapítulos. Em primeiro lugar, iremos apresentar os resultados das questões colocadas apenas no questionário pré-intervenção e, posteriormente, iremos apresentar os resultados das questões colocadas em ambos os questionários, fazendo uma comparação entre os resultados obtidos nos momentos

pré e pós-intervenção. Por uma questão de parcimónia, apenas serão apresentados os resultados das questões onde existiram maiores diferenças entre os momentos pré e pós-intervenção.

4.2.1. Questões aplicadas apenas no questionário pré-intervenção

Na questão 4 era pedido ao participante que, de entre as opções apresentadas, escolhesse aquelas que considerava verdadeiras no que diz respeito à forma como a organização lida com o não cumprimento das normas e procedimentos de segurança. Como podemos observar pela Figura 4.7., todos os participantes dizem não existir uma penalização de acordo com a frequência de ocorrência do não cumprimento das normas e procedimentos de segurança, e 78.6% dos participantes dizem que apenas são chamados à atenção pelas chefias diretas nestas situações.

Figura 4.7. *Frequências de resposta à questão 4 do questionário pré-intervenção*



Já na questão 6, era pedido aos participantes que dissessem quantos acidentes de trabalho tiveram nos últimos 3 anos e qual o tempo de incapacidade resultante dos mesmos, em número de dias de trabalho perdidos. Como podemos observar pelo Quadro 4.2., em média os participantes sofreram 1 (DP = 1) acidente de trabalho nos últimos 3 anos, resultando numa média de 48 (DP = 68) dias sem trabalhar.

Quadro 4.2. *Médias das Questões 6 e 6.1 dos questionário pré-intervenção*

	Quantos acidentes de trabalho teve nos últimos 3 anos	Qual o tempo de incapacidade resultante (nº de dias sem trabalhar)
N Total	15	15
N Válido	14	13
Média	1	48
DP	1	68
Máximo	3	200
Mínimo	0	0

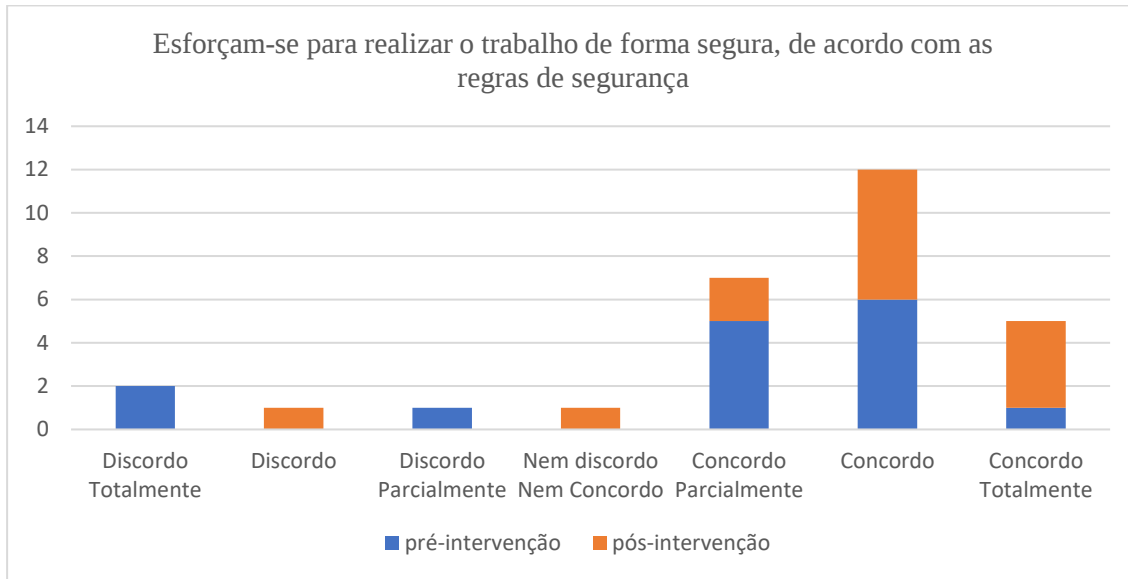
4.2.2. Comparação dos resultados do questionário pré e pós-intervenção

4.2.2.1. Resultados da questão 1, pré e pós-intervenção

Na questão 1 era pedido ao participante que classificasse uma série de itens quanto à sua veracidade, relacionados com a sua perceção sobre os comportamentos de segurança dos seus colegas da Divisão de Resíduos Urbanos.

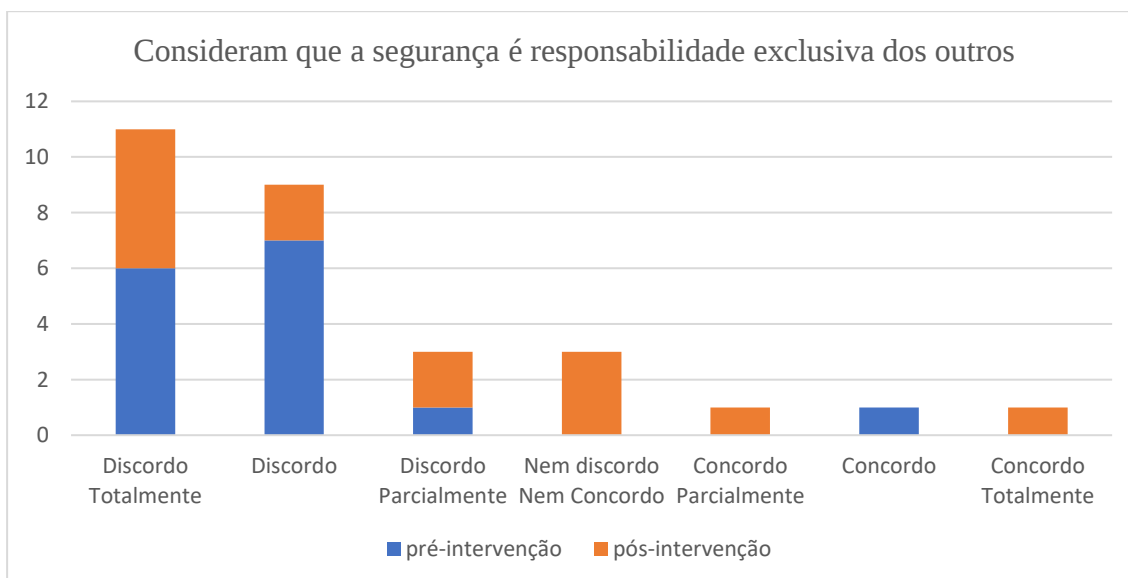
Relativamente ao item 1 – “Esforçam-se para realizar o trabalho de forma segura, de acordo com as regras de segurança” –, quer no questionário pré-intervenção quer no questionário pós-intervenção, os participantes tendem a concordar que os trabalhadores da Divisão de Resíduos Urbanos se esforçam por realizar o seu trabalho de forma segura e de acordo com as regras de segurança. No entanto, podemos verificar que esta tendência ficou mais acentuada após a intervenção onde 10 dos participantes responderam que concordavam ou concordavam totalmente com esta afirmação, enquanto que no questionário pré-intervenção 11 dos participantes concordavam parcialmente ou concordavam com a mesma afirmação (Figura 4.8.).

Figura 4.8. *Frequências de resposta ao item 1 da questão 1 do questionário pré e pós-intervenção*



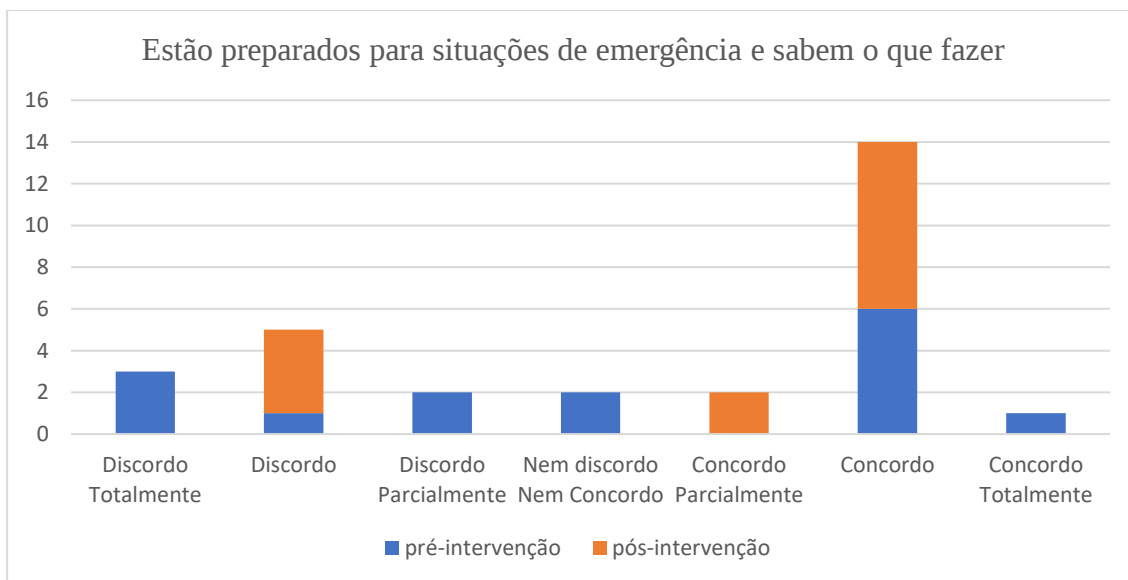
Já no item 2 – “Consideram que a segurança é responsabilidade exclusiva dos outros” – podemos verificar que no questionário pré-intervenção a maioria dos participantes (N = 13) discordavam ou discordavam totalmente com esta afirmação enquanto que no questionário pós-intervenção, as opiniões dos participantes mudaram, sendo que 7 discordam ou discordam totalmente com a afirmação (Figura 4.9.).

Figura 4.9. *Frequências de resposta ao item 2 da questão 1 do questionário pré e pós-intervenção*



Por fim, no item 9 – “Estão preparados para situações de emergência e sabem o que fazer” – podemos verificar que existiu uma mudança de opinião dos trabalhadores, sendo que no questionário pré-intervenção podemos observar um padrão mais homogêneo nas respostas dos participantes, distribuindo-se as mesmas pela escala com 7 dos participantes a concordarem com a afirmação e 6 a discordarem, enquanto que no questionário pós-intervenção, podemos observar que 10 dos participantes concordam que os colegas da Divisão de Resíduos Urbanos estão preparados para situações de emergência e apenas 4 dos participantes discordam com esta afirmação (Figura 4.10.).

Figura 4.10. *Frequências de resposta ao item 9 da questão 1 do questionário pré e pós-intervenção*



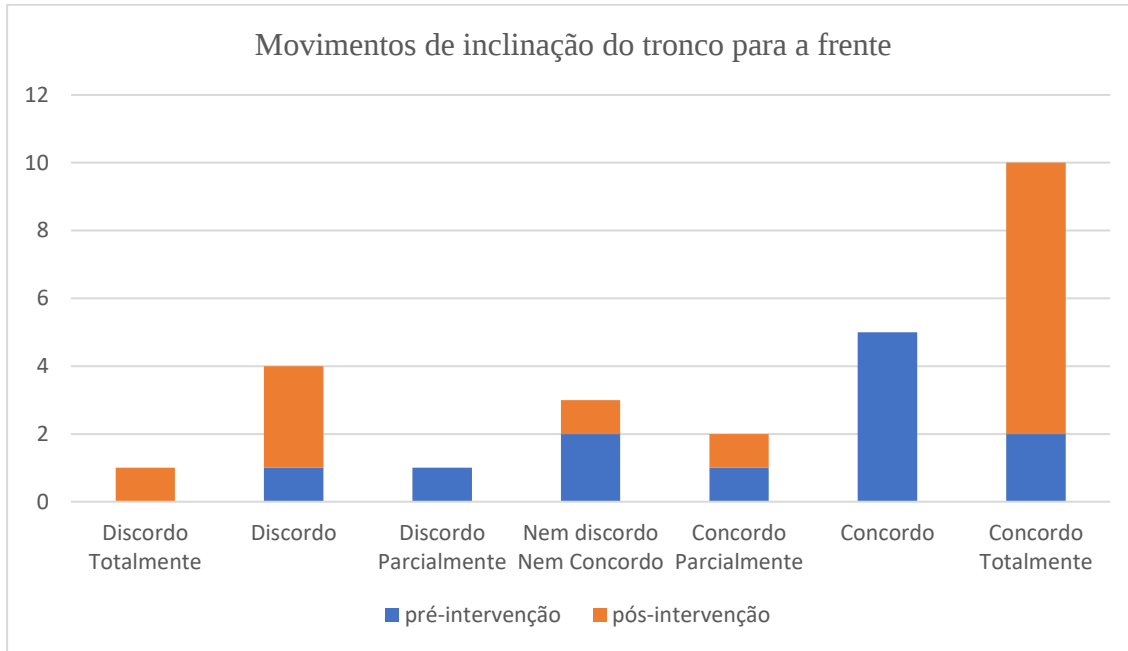
4.2.2.2. Resultados da questão 8, pré e pós-intervenção

Na questão 8 eram apresentadas uma série de afirmações relativas a situações de trabalho e era pedido ao participante que desse a sua opinião sobre quais eram as que contribuíam para o risco de desenvolver lesões e/ou doenças músculo-esqueléticas.

Relativamente ao item 7 – “Movimentos de inclinação do tronco para a frente”, quer no questionário pré-intervenção (N=8) quer no questionário pós-intervenção (N=9), os participantes tendem a concordar que este movimento contribui para o risco de desenvolver lesões e/ou doenças músculo-esqueléticas. No entanto, podemos verificar que esta tendência ficou mais acentuada após a intervenção onde 8 dos participantes responderam que

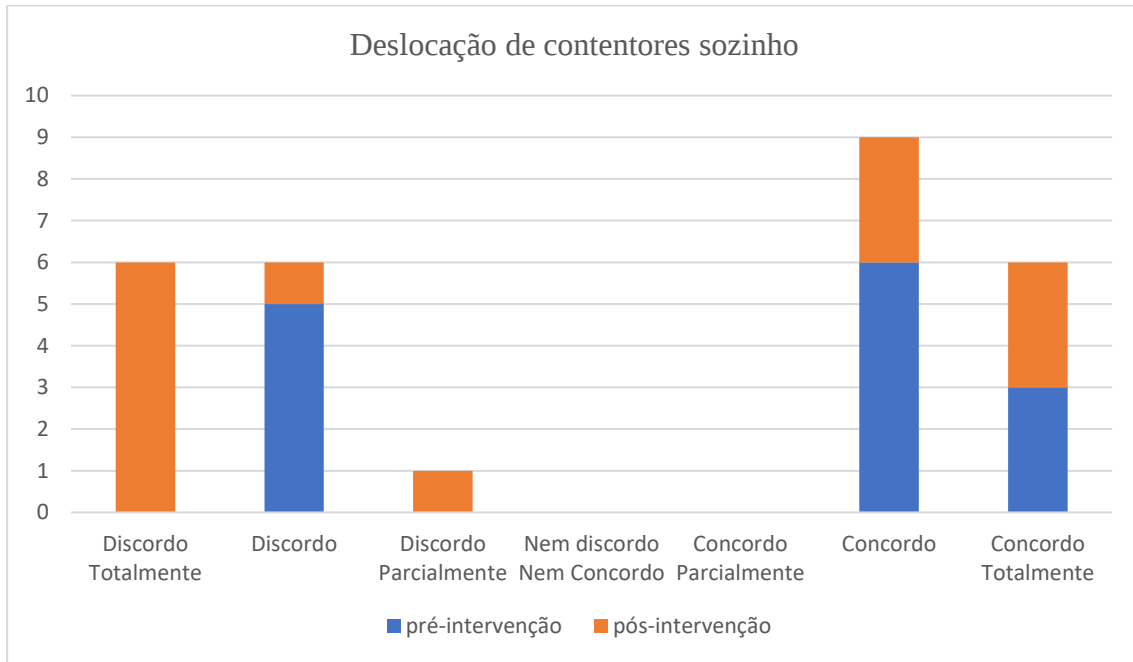
concordavam totalmente com esta afirmação, enquanto que no questionário pré-intervenção apenas 2 dos participantes concordavam totalmente com a mesma (Figura 4.11.).

Figura 4.11. *Frequências de resposta ao item 7 da questão 8 do questionário pré e pós-intervenção*



Já no item 10 – “Deslocação de contentores sozinho” – podemos verificar que, no questionário pré-intervenção, 9 dos participantes concordavam ou concordavam totalmente que a deslocação de contentores sozinho contribuía para o para o risco de desenvolver lesões e/ou doenças músculo-esqueléticas, e nenhum participante discordava totalmente da mesma (apenas 5 dos participantes discordavam com a afirmação), enquanto que no questionário pós-intervenção, as opiniões dos participantes mudaram, sendo que 8 dos participantes discordam (discordam parcialmente, discordam e discordam totalmente) com a afirmação e 6 concordam ou concordam totalmente com a mesmas (Figura 4.12.)

Figura 4.12. *Frequências de resposta ao item 10 da questão 8 do questionário pré e pós-intervenção*

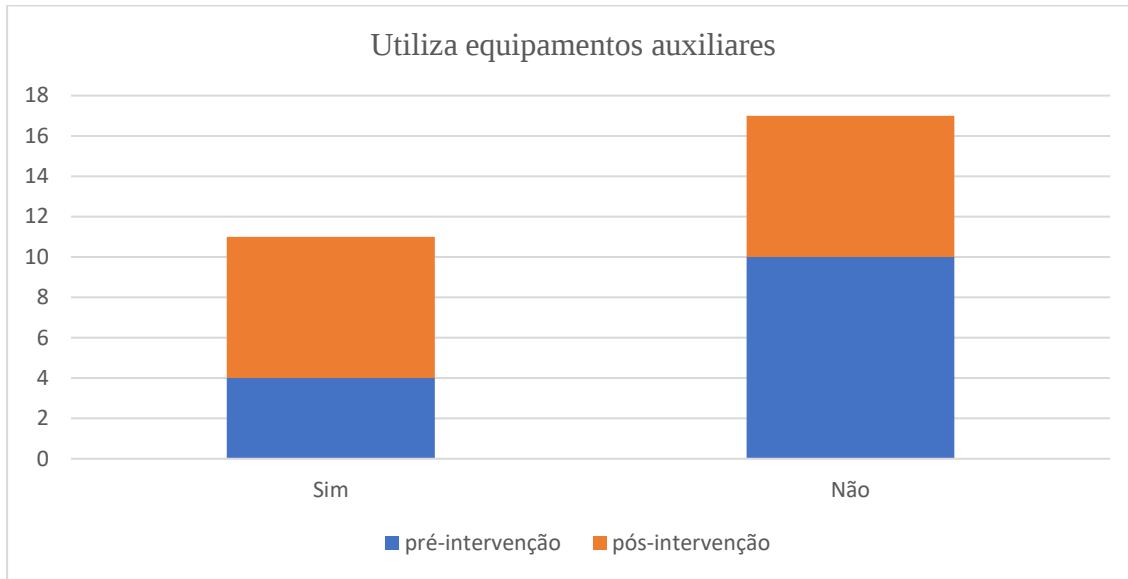


4.2.2.3. Resultados da questão 9, pré e pós-intervenção

Na questão 9 eram apresentadas uma série intervenções possíveis de adotar para modificar a situação de trabalho, em caso de sobrecarga física. Era pedido ao participante para assinalar aquelas que considerava adequadas.

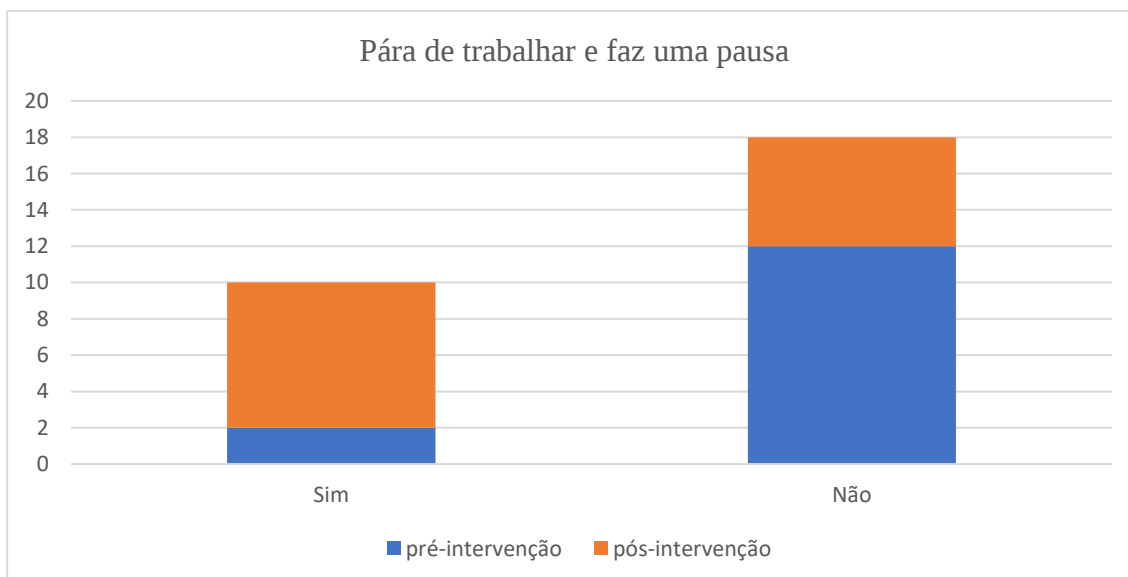
Relativamente ao item 1 – “Utiliza equipamentos auxiliares” podemos verificar que no questionário pré-intervenção, apenas 4 dos participantes respondeu que utilizava equipamentos auxiliares em caso de sobrecarga física enquanto que no questionário pós-intervenção, 7 participantes responderam que utilizava os equipamentos (Figura 4.13.).

Figura 4.13. *Frequências de resposta ao item 1 da questão 9 do questionário pré e pós-intervenção*



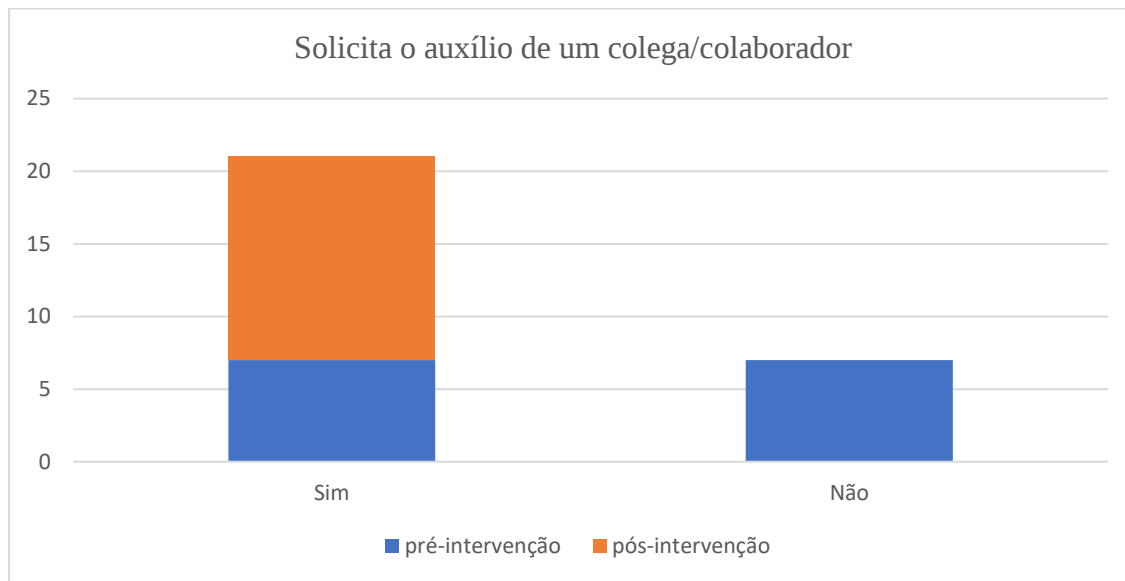
Já no item 2 – “Pára de trabalhar e faz uma pausa” – como podemos verificar na Figura 4.14., ocorreu uma mudança de respostas do questionário pré-intervenção, onde apenas 2 participantes reportaram que efetuavam pausas no trabalho em caso de sobrecarga física, para o questionário pós-intervenção, onde 8 dos participantes afirmaram efetuar pausas no trabalho.

Figura 4.14. *Frequências de resposta ao item 2 da questão 9 do questionário pré e pós-intervenção*



Por último, no item 4 – “Solicita o auxílio de um colega/colaborador” – foi onde se observou a maior mudança nas respostas dadas pelos participantes, sendo que, no questionário pré-intervenção, 7 participantes reportam solicitar o auxílio de um colega/colaborador, enquanto que no questionário pós-intervenção, todos os participantes (N=14) responderam que solicitavam o auxílio de um colega/colaborador (Figura 4.15.).

Figura 4.15. *Frequências de resposta ao item 4 da questão 9 do questionário pré e pós-intervenção*

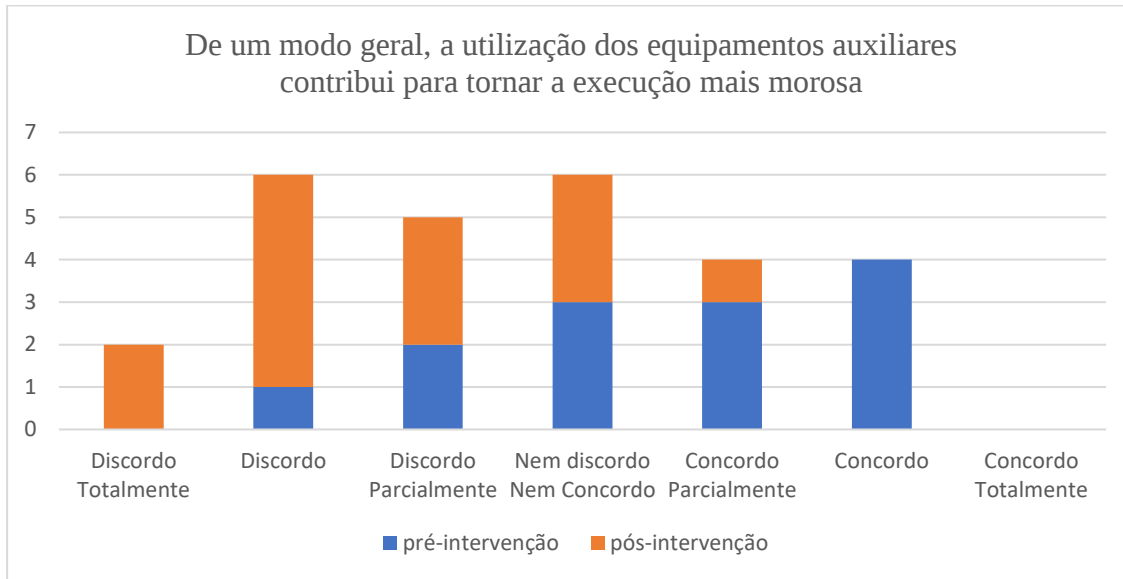


4.2.2.4. Resultados da questão 11, pré e pós-intervenção

Na questão 11 eram apresentadas 4 afirmações relativas aos materiais e equipamentos utilizados durante a sua atividade e era pedido ao participante que desse a sua opinião sobre a veracidade das mesmas.

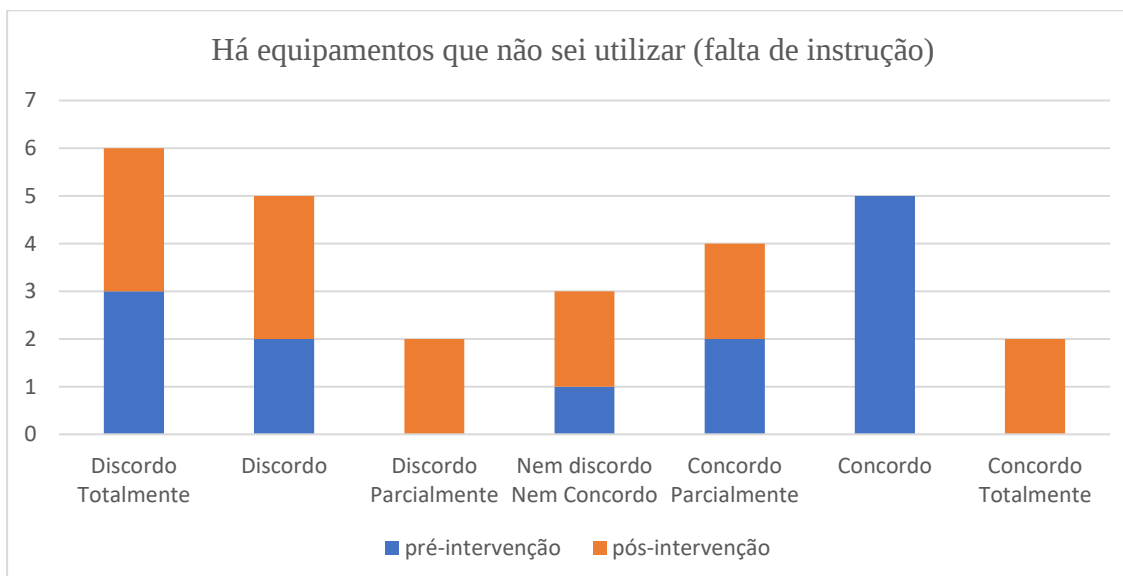
Relativamente ao item 2 – “De um modo geral, a utilização dos equipamentos auxiliares contribui para tornar a execução mais morosa” –, podemos observar uma clara mudança de opinião visto que, no questionário pré-intervenção, 7 dos participantes concordaram ou concordaram parcialmente com esta afirmação e apenas 3 discordaram ou discordaram parcialmente, enquanto que no questionário pós-intervenção, 10 dos participantes discordaram (parcialmente, totalmente ou apenas discordar) e apenas 1 participante concorda parcialmente que os equipamentos tornam a execução da atividade mais morosa (Figura 4.16.).

Figura 4.16. *Frequências de resposta ao item 2 da questão 11 do questionário pré e pós-intervenção*



Já no item 4 – “Há equipamentos que não sei utilizar (falta de instrução)” – ocorreu o mesmo que no item 2. No questionário pré-intervenção, 7 dos participantes concordaram ou concordaram parcialmente com esta afirmação e 5 discordaram ou discordaram totalmente, enquanto que no questionário pós-intervenção, 8 dos participantes discordaram (parcialmente, totalmente ou apenas discordar) e 4 participantes concordaram parcialmente ou totalmente com a existência de equipamentos que não sabem utilizar (Figura 4.17.).

Figura 4.17. *Frequências de resposta ao item 4 da questão 11 do questionário pré e pós-intervenção*



4.2.2.5. Resultados da questão 12, pré e pós-intervenção

Por fim, na questão 12 era pedido ao participante que dissesse quais as intervenções/mudanças possíveis de se realizar no seu local de trabalho que poderiam diminuir os riscos de ocorrência de lesões ou distúrbios músculo-esqueléticos. No questionário pré-intervenção 4 dos participantes relataram mudanças ao nível das viaturas/equipamentos: *“Melhores condições nas viaturas”*; *“Falta de manutenção de viaturas e equipamentos”*; 1 participante referiu a necessidade de mais formação – *“Dar formação, informação e fazê-los cumprir”*; e 2 participantes referiram que não existia nada que pudesse ser feito: *“Não existe nada”*; *“Muito poucos ou nenhuma”*. Já no questionário pós-intervenção, 5 participantes relataram mudanças ao nível das viaturas/equipamentos: *“Substituir os contentores danificados. Reparar os parques danificados. Reparar algumas vias de circulação”*; *“Uma das intervenções é as ferramentas como os carros. Já se melhorou muito nestes últimos anos mas não é o suficiente porque ainda temos carros a trabalhar quase a cair de maduro e com pouca segurança na estrada e para os cantoneiros.”*; 2 participantes fizeram referência a mudanças a nível individual e postural; *“Também é uma questão de postura e adequar para a tarefa desempenhada”*; *“Na minha opinião se os trabalhadores não facilitarem na hora de fazer as suas tarefas a nível de segurança os problemas diminuem.”*; 1 participante sugeriu mais formação: *“Dar formação/informação sobre a atividades e ambiente laboral”*; e 1 participante sugeriu que a planificação da atividade fosse realizada com os trabalhadores: *“Os técnicos quando colocarem material deviam falar com o pessoal das voltas e em conjunto para reduzir os riscos”*.

É possível também verificar que o discurso dos participantes se modificou do questionário pré-intervenção para o pós-intervenção, sendo que, na maior parte dos casos, os participantes tenderam a dar respostas mais elaboradas e mais complexas, revelando maior conhecimento da complexidade da sua própria atividade nas respostas reportadas no questionário pós-intervenção.

CAPÍTULO V: Discussão de Resultados

5.1. Consciencialização para o risco

Um dos objetivos deste projeto foi consciencializar os trabalhadores acerca dos fatores de risco presentes nas situações de trabalho e dos riscos a que, subsequentemente, estão expostos. Segundo Vasconcelos e Lacomblez (2001/2002), esta metodologia visa a reflexão e análise de situações reais de trabalho, permitindo a consciencialização e enriquecimento das representações acerca da atividade.

No entanto, dos resultados obtidos, podemos concluir que os participantes partiram de um estado inicial de elevado nível consciencialização para o risco visto que, logo na primeira sessão foram identificados 157 riscos na totalidade, e na terceira sessão, identificaram 152. No total das sessões, foram identificados 567 riscos, sendo a maioria deles relacionados com o esforço físico requerido na realização da atividade (161), e falhas nos equipamentos (129), nomeadamente nos veículos e equipamentos utilizados durante a recolha dos resíduos urbanos. Estes valores indicam que os trabalhadores têm já uma alta consciência dos fatores de risco da sua atividade.

Para além disso, os trabalhadores também identificaram um total de 194 consequências dos perigos que identificam, tendo sido também observado um decréscimo no número de perigos reportados da primeira sessão (57) para a última (43). Estes dados suportam as conclusões apresentadas no parágrafo anterior.

É ainda de referir que o ligeiro decréscimo verificado no número de situações identificadas em ambas as categorias poderá estar relacionado com o facto de não ter sido possível assegurar que a complexidade das situações analisadas nos *Focus Group* fosse igual em todas as fotografias apresentadas.

5.2. Estratégias de prudência

Segundo os mesmos autores (Vasconcelos & Labomblez, 2001/2002), este tipo de metodologia enfatiza a reflexão e análise de situações reais de trabalho que, não só permitem a consciencialização e enriquecimento das representações acerca da atividade, como também a formalização de propostas de melhoria das condições de trabalho e redução dos riscos. Como tal, e seguindo a abordagem da Psicologia do Trabalho adotada neste projeto

(Valverde, 2017; Leplat & Cuny, 1983; De Keyser & Nyssen, 2001, cit in Valverde, 2007), outro objetivo proposto neste projeto foi o de facilitar a emergência de estratégias de prudência no desenvolvimento da atividade, com vista a diminuir a exposição ao risco. Como podemos verificar pelos resultados obtidos ao longo das sessões, os participantes parecem ter um profundo conhecimento da sua atividade, tendo identificado 198 formas corretas de realizar a sua atividade na totalidade, sendo que na primeira sessão os participantes reportaram 64, e na terceira identificaram 43. Adicionalmente, também foram capazes de sugerir 139 novas formas de realizar a sua atividade, reduzindo a exposição ao perigo, sendo que na primeira sessão referiram 44 estratégias de prudência e na terceira sessão referiram 33. Novamente, este decréscimo poderá estar relacionado com a dificuldade em garantir a igualdade no nível de complexidade das situações analisadas nas sessões.

Como referenciado na revisão de literatura, a utilização de instrumentos baseados na atividade real produz processos de mediação entre sujeito e objeto, mudando as suas representações internas e, por consequência, mudando as suas práticas (De Keyser & Nyssen, 2001, cit in Valverde, 2007). Neste sentido, também é possível verificar que os participantes adquiriram novas estratégias para lidar com a sobrecarga física exigida durante a sua atividade. Se considerarmos a Teoria da Ação Planeada de Ajzen e Fishbein (Ajzen & Madden, 1986) que defende que o antecedente imediato a qualquer comportamento é a intenção de realizar o mesmo, sendo que, quanto mais forte for esta intenção, maior é a probabilidade de o comportamento ocorrer, podemos afirmar que existiu uma mudança na intenção dos participantes em utilizar algumas estratégias de prudência de forma a facilitar a sua atividade. Através da análise dos resultados da questão 9 do questionário pré e pós-intervenção, os participantes revelam a intenção de utilizar equipamentos auxiliares durante a sua atividade, parar de trabalhar, efetuando uma pausa, em caso de sobrecarga física e, pedir auxílio de um colega na execução das tarefas, sendo esta última onde se verificou maior mudança (todos os participantes revelaram intenção de colocar em prática esta estratégia).

5.3. Competências de autoanálise do trabalho

Desenvolver nos trabalhadores as competências de autoanálise do trabalho, através da análise coletiva de situações-problema decorrentes da atividade foi outro dos objetivos propostos para este projeto de intervenção, o qual também revelou resultados interessantes. Para Vasconcelos e Lacomblez (2001/2002), esta metodologia também funciona como um estímulo e um suporte para a criação de novas competências nos trabalhadores, sendo que

estas são baseadas em práticas bem-sucedidas e tradicionalmente validadas. Através da Categoria Razões para a Exposição ao Perigo, podemos verificar que os participantes têm uma clara noção dos riscos que correm na sua atividade e dos motivos pelos quais se expõem aos perigos. Nesta categoria, os participantes identificaram 441 motivos de exposição ao perigo, sendo que na primeira sessão identificaram 111 motivos e na terceira 134. Estes valores revelam que, efetivamente, parecem ter sido desenvolvidas as suas competências de autoanálise de situações de trabalho. Apesar de esta diferença poder estar relacionada com as situações em análise nas diferentes sessões, a diversificação dos motivos não deixa de ser um indicador interessante de crescente complexidade e mestria na análise das situações propostas.

Estes resultados também revelaram que, um dos principais motivos reportados para a exposição ao perigo consiste nas falhas identificadas nos equipamentos de proteção na recolha de resíduos e nos veículos disponíveis para realizar a atividade, com 109 motivos reportados.

5.4. Transferência de conhecimentos

Por fim, o último dos objetivos a que este projeto se propôs a alcançar foi o de contribuir para a transferência sistemática de conhecimentos e competências entre trabalhadores, através da reflexão e análise conjunta em contexto de grupo. Através da análise dos resultados do questionário pré e pós-intervenção, podemos verificar que, de um modo geral, os participantes apresentam respostas mais homogêneas no questionário pós-intervenção, o que revela a existência de processos de transferência de conhecimentos entre os mesmos, sendo esse também, um dos objetivos deste tipo de metodologia (Vasconcelos & Lacomblez, 2001/2002). Segundo estes autores, a análise em grupo de situações reais de trabalho permite o enriquecimento das representações de todos sobre a atividade, criando assim as condições necessárias à construção de um referencial comum, tendo os trabalhadores mais novos e inexperientes um acesso facilitado à experiência e saberes dos trabalhadores mais experientes.

Esta mudança pode ser verificada nas respostas à Questão 8, onde os participantes revelaram aquisição de conhecimentos em relação às situações de trabalho que contribuem para o risco de desenvolvimento de lesões e/ou doenças músculo-esqueléticas, especificamente no item 7 onde a maioria concorda que a movimentação do tronco para a frente é um fator contributivo para estas situações.

Também na Questão 11, esta mudança pode ser verificada, uma vez que os participantes revelam uma mudança de opinião relativamente à utilização de equipamentos e materiais auxiliares na sua atividade, especificamente no item 4, em que a maioria dos participantes reporta que não existem equipamentos que não saibam utilizar, enquanto que no questionário pré-intervenção, metade dos participantes admitia a existência de equipamentos que não sabia utilizar. Isto demonstra que, ao longo das sessões, novos conhecimentos foram adquiridos pelos participantes a este nível.

Por último, no questionário pós-intervenção, foram acrescentadas duas questões com o objetivo de avaliar o impacto dos *Focus Group*. Ambas as questões revelaram que os participantes sentiram que as sessões contribuíram para a partilha de conhecimentos entre eles. Na questão de resposta aberta (Questão 22), onde era pedido ao participante que dissesse “o que ouvi nesta formação que nunca tinha ouvido antes?”, 7 dos participantes fizeram referência ao facto de as sessões terem permitido a partilha de conhecimentos entre eles: “*A partilha de conhecimentos meus e dos meus colegas*”; “*Falámos de algumas tarefas que eu nunca tinha efetuado. Ouvi algumas opiniões (sugestões) que me vão ajudar em algumas tarefas*”; “*Já tinha conhecimento básicos sobre as dadas nas formações, os problemas, mas faz sempre falta para que nunca esqueçamos dos perigos*”. Já na Questão 23, era pedido ao participante que classificasse uma série de afirmações relativamente aos contributos da formação. Como podemos verificar no Quadro 5.1., em média, os participantes concordam parcialmente com todas as afirmações, exceto com o item 4 “Aquisição de novas competências”, que revelou uma média de 4,04 (DP = 1,98), ou seja, em média, os participantes não concordam nem discordam que os *Focus Group* lhes proporcionaram a aquisição de novas competências. O item que revelou uma média mais elevada foi o item 7 “Partilha de novas formas de realizar tarefas”, com uma média de 5,86 (DP = 1,23), seguido dos itens 6 “Ter uma maior consciência dos riscos a que estou exposto no meu dia a dia” e do item 8 “Sugerir mudanças nos materiais” com uma média de 5,64 (DP = 1,34 e dp = 1,55, respetivamente). Estes resultados revelam que os participantes consideram que os *Focus Group* contribuíram mais para o aumento dos seus conhecimentos sobre a atividade do que para a aquisição de novas competências.

Quadro 5.1. *Dados Descritivos da Questão 22*

	N	Mínimo	Máximo	Média	DP
Adquirir conhecimentos sobre acidentes de trabalho	14	2	7	5,36	1,34
Adquirir conhecimentos sobre riscos no meu trabalho	14	2	7	5,21	1,37
Adquirir conhecimentos sobre doenças músculo-esqueléticas	14	4	7	5,21	1,05
Aquisição de novas competências	14	1	7	4,07	1,98
Partilhar o meu conhecimento e experiência com os mais novos	13	2	7	5,77	1,30
Ter uma maior consciência dos riscos a que estou exposto no meu dia a dia	14	2	7	5,64	1,34
Partilhar novas formas de realizar tarefas	14	2	7	5,86	1,23
Sugerir mudanças nos materiais	14	2	7	5,64	1,55

5.5. Limitações

O principal objetivo deste projeto é contribuir, a longo prazo, para a prevenção de acidentes de trabalho e queixas de saúde relacionadas com o trabalho. Por questões temporais, não foi possível realizar o acompanhamento dos efeitos da intervenção ao longo do tempo. Como tal, não foi possível determinar se as sessões realizadas tiveram impacto no comportamento dos trabalhadores. No futuro, seria importante voltar à organização e perceber quais os efeitos que esta intervenção teve nos trabalhadores e na forma como realizam a sua atividade.

Como já foi referido anteriormente, por questões de logística, não foi possível realizar esta intervenção com os trabalhadores do turno da noite. Seria também importante realizar esta formação com estes trabalhadores, visto poderem sentir outro tipo de dificuldades e constrangimentos da sua atividade, que não são sentidas pelos trabalhadores dos turnos da manhã e da tarde.

Seria também importante voltar à organização e realizar mais sessões com outros trabalhadores, para conseguir reunir mais dados e informação para que seja possível perceber, se este tipo de metodologia interventiva é adequada. Como referido na revisão de literatura, os colegas de trabalho são reconhecidos como um dos fatores que potencialmente influenciam os comportamentos de segurança no trabalho (Liang, et al., 2018), como tal, ao realizar novas sessões, estas devem ser efetuadas com as equipas de trabalho e não com trabalhadores pertencentes diferentes equipas de trabalho.

Uma outra limitação associada a este tipo de metodologia interventiva é o facto de se trabalhar com um número reduzido de participantes o que dificulta as análises estatísticas de questionários aplicados. Neste caso concreto, apenas foi possível trabalhar com 15 participantes no total, fator que impossibilitou a análise de significâncias estatísticas das diferenças encontradas nos questionários.

Refletindo mais em particular sobre as sessões dos *Focus Group* em concreto, existem uma série de fatores que podem ter influenciado dos resultados obtidos:

- O facto de ter sido possível reunir participantes que voluntariamente quiseram participar deste projeto foi muito importante, mas poderá ter influenciado os resultados obtidos visto que, à partida, poderia existir uma pré-disposição da parte dos mesmos para a mudança;
- O facto de, em ambos os turnos, os grupos não terem sido coesos ao longo das sessões, existindo sempre um ou mais elementos que estiveram ausentes de uma ou mais sessões, por questões laborais;
- O facto de as sessões do turno da manhã terem sido realizadas após o turno de trabalho poderá, também, ter influenciado os resultados. Estes trabalhadores encontravam-se mais cansados, física e mentalmente, ao passo que os participantes do turno da tarde realizaram as sessões antes do turno de trabalho;
- Inicialmente, a presença de uma Técnica Superior da Segurança e Saúde no Trabalho teve o objetivo de responder a alguma dúvida técnica que a investigadora não tivesse conhecimentos suficientes para esclarecer. No entanto, a sua presença foi um fator influenciador na participação dos trabalhadores nas sessões. Os participantes eram mais ativos e participativos nas sessões em que a Técnica esteve presente, do que nas sessões em que não foi possível a mesma estar presente. Este fenómeno poderá ter ocorrido pelo facto de os trabalhadores verem a presença da Técnica como uma forma de a organização mostrar que se preocupa com a situação de trabalho deles, bem como uma oportunidade de explicitarem a sua opinião à organização;
- Por último, o facto de os trabalhadores que participaram nas sessões terem bastante experiência na sua atividade (média de 13,21 anos de experiência na função atual ($dp=7,64$)) pode, igualmente, ter influenciado os resultados obtidos. Ou seja, talvez os trabalhadores que não participaram nas sessões fossem menos experientes e pudessem ter beneficiado mais desta reflexão e partilha.

Implicações para a Organização e Pistas de Intervenção

Um dos principais resultados decorrentes deste projeto é que estes trabalhadores apresentam um profundo conhecimento da sua atividade, evidenciando uma elevada consciência para os riscos a que estão expostos. Como tal, será importante para a organização, repensar o tipo de formação dada a estes trabalhadores. Estas deverão focar-se no desenvolvimento de competências dos trabalhadores para lidar com os constrangimentos da sua atividade e a capacidade de antever riscos e aplicar estratégias para lidar com os mesmos.

Um outro aspeto que foi muito salientado pelos participantes ao longo das sessões foi o facto de a comunicação entre departamentos ser muito complexa e burocrática, especificamente, no que concerne à reparação dos equipamentos e veículos. Apesar de se tratar de uma organização pública dotada de independência administrativa, não deixa de ser uma organização com um elevado nível de hierarquização e burocratização, sendo regida por uma série de leis e regulamentos. Devido à elevada burocracia, muitos dos processos tornam-se lentos, sendo que alguns podem inclusive “perder-se pelo caminho”. No caso da reparação dos equipamentos e veículos, o resultado é a presença de inúmeros instrumentos com avarias ou danificados, mas que são absolutamente necessários para a realização da atividade. Neste sentido, seria importante para a organização repensar a forma como os pedidos de reparação são efetuados, tentando aproximar/encurtar a comunicação entre a Divisão de Resíduos Urbanos e a Divisão de Gestão de Frotas. Deste modo, as reparações poderiam ocorrer de forma mais rápida, reduzindo os riscos a que os Cantoneiros de Limpeza e Condutores de Máquinas Pesadas e Veículos Especiais estão expostos.

Foram também pensadas algumas propostas de intervenção que poderão contribuir para melhorar as condições de trabalho dos trabalhadores desta divisão, contribuindo igualmente para a redução de acidentes de trabalho e doenças/lesões músculo-esqueléticas:

- Criação de uma equipa composta por 2 trabalhadores mais experientes – um Cantoneiro de Limpeza e um Condutor de Máquinas Pesadas e Veículos Especiais – de cada tipo de recolha – recolha lateral indiferenciada ou seletiva, recolha posterior indiferenciada, seletiva ou orgânica, recolha seletiva ou indiferenciada com grua e recolha de monos. Esta equipa terá o propósito de auxiliar na tomada de decisões relacionadas com a atividade destes trabalhadores, seja na colocação de equipamentos

nas vias públicas, aquisição de veículos, EPI's ou contentores e programação dos circuitos de recolha;

- Criação de uma plataforma informática onde cada trabalhador possa colocar sugestões de melhoria da sua atividade. Cada uma destas propostas deverá ser debatida entre o Trabalhador, o Encarregado Operacional e o Chefe de Divisão de Resíduos Urbanos, sobre a sua viabilidade;
- Criação de uma plataforma onde serão colocados todos os pedidos de reparação de viaturas e/ou equipamentos, onde cada pedido será classificado tendo em conta a urgência do mesmo. Deste modo, podem ser priorizados os pedidos, tornando mais eficaz a reparação de veículos e/ou equipamentos;
- Por último, a criação de programas de sensibilização para os Munícipes, alertando para “o que é” e “em que consiste” a atividades dos Cantoneiros de Limpeza e Condutores de Máquinas Pesadas e Veículos Especiais, sensibilizando os mesmos para as questões de estacionamento de viaturas perto de contentores de resíduos e colocação de resíduos em sítios indevidos.

CONCLUSÃO

Partindo da abordagem da Psicologia do Trabalho e após uma revisão de literatura sobre Segurança e Saúde no trabalho e Acidentes de Trabalho, desenhou-se uma intervenção de forma a contribuir, a longo prazo, para a prevenção de acidentes de trabalho e queixas de saúde relacionadas com o trabalho.

Após a análise dos dados, os resultados revelam que os participantes parecem já ter uma elevada consciência dos riscos envolvidos na sua atividade e um profundo conhecimento da mesma e dos seus constrangimentos. Demonstraram uma noção muito clara dos motivos pelos quais se expõe ao perigo, sendo que o motivo mais frequentemente reportado é o facto de os equipamentos e veículos utilizados para a recolha de resíduos não se encontrarem nas devidas condições de segurança.

Podemos também concluir, através das respostas ao questionário, que os participantes têm uma pré-disposição para a mudança, demonstrando intenções de mudar o seu comportamento, revelando assim uma preocupação com a sua saúde e as suas condições de trabalho. O questionário revelou ainda que foi possível uma transferência de conhecimentos entre os participantes, uma vez que, no questionário pós-intervenção, de um modo geral, as respostas foram mais homogêneas do que no questionário pré-intervenção.

Em suma, e apesar das limitações desta intervenção, foi possível compreender melhor as dificuldades sentidas pelos trabalhadores no decorrer da sua atividade, identificando alguns dos constrangimentos e impedimentos à realização da recolha de resíduos. Deste modo, foi possível refletir e sugerir melhorias a esta metodologia e propor algumas pistas de intervenção, de modo a melhorar ou mesmo resolver alguns destes fatores, contribuindo para melhoria das condições de trabalho e redução dos acidentes de trabalho.

BIBLIOGRAFIA

- Adams, M., Burton, J., Butcher, F., Graham, S., McLeod, A., Rajan, R., Johri, R. (2002). *Aftermath: The social and economic consequences of workplace injury and illness*. Wellington, New Zealand: New Zealand Department of Labor.
- Alli, B. (2008). *Princípios Fundamentais de Segurança e Saúde no Trabalho* (2ª ed.). Lisboa: Organização Internacional do Trabalho.
- Ajzen, I., & Madden, T. J. (1985). Prediction of goal-directed behavior: Attitudes, intentions, and perceived behavioral control. *Journal of Experimental Social Psychology*, 22, 453-474. Doi: [https://doi.org/10.1016/0022-1031\(86\)90045-4](https://doi.org/10.1016/0022-1031(86)90045-4)
- Bardin, L. (2009). *Análise de Conteúdo* (4ª ed.). Lisboa: Edições 70.
- Burke, M. J., & Sarpy, S. A. (2003). Improving Worker Safety and Health Through Interventions. In D. A. Hofmann & L. E. Tetrick (Eds.), *Health and Safety in Organizations: A Multilevel Perspective*: 56–90. San Francisco, CA: Jossey-Bass.
- Burke, M. J., Sarpy, S. A., Tesluk, P. E., & Smith-Crowe, K. (2002). General safety performance: A test of a grounded theoretical model. *Personnel Psychology*, 55(2), 429–457.
- Chowdhury, S. K., & Endres, M. L. (2010). The impact of client variability on nurses' occupational strain and injury: Cross-level moderation by safety climate. *Academy of Management Journal*, 53, 182–196. doi:10.5465/AMJ.2010.48037720
- Clarke, S. (2006). The relationship between safety climate and safety performance: A meta-analytic review. *Journal of Occupational Health Psychology*, 11, 315–327. doi:10.1037/1076-8998.11.4.315
- Crowther, D., & Lancaster, G. (2009). *Research Methods* (2ª ed.). Oxford: Elsevier.
- DeArmond, S., & Chen, P. Y. (2009). Occupational safety: the role of workplace sleepiness. *Accident Analysis and Prevention*, 41, 5, 976–984. doi:10.1016/j.aap.2009.06.018
- Eurostat, (2016). *Accidents at work statistics*. [On-line]. Retirado de: https://ec.europa.eu/eurostat/statistics-explained/index.php/Accidents_at_work_statistics
- Falzon, P. & Teiger, C. (1995). *Construire l'activité*. Séminaire DESUP/DESS de Paris I.
- Gabinete de Estratégia e Planeamento (GEP), Ministério da Trabalho, Solidariedade e Segurança Social (MTSSS). (2016). *Coleção Estatísticas – Acidentes de Trabalho*. [On-line]. Retirado de: <http://www.gep.msess.gov.pt/estatistica/acidentes/at2014pub.pdf>.
- Galego, C., & Gomes, A. (2005). Emancipação, ruptura e inovação: o “focus group” como instrumento de investigação. *Revista Lusófona de Educação*, 5, 147-184.

- Guérin, F., Laville, A. Daniellou, F., Duraffoug, J. & Kerguelen, A. (1991). *Comprendre le travail pour le transformer – La pratique de l'esonomie*. Paris: ANACT
- Günther, H. (2003). Como elaborar um questionário. *Laboratório de Psicologia Ambiental*, 1, 1-15.
- Hansen, C. P. (1989). A causal model of the relationship among accidents, biodata, personality and cognitive factors. *Journal of Applied Psychology*, 74, 81–90. doi:10.1037/0021-9010.74.1.81
- Himmelstein, D. U., Warren, E., Thorne, D., & Woolhandler, S. (2005). Illness and injury as contributors to bankruptcy. *Health Affairs*, 5, W5-63–W5-73.
- Hofmann, D. A., Burke M. J., & Zohar D. (2017). 100 Years of Occupational Safety Research: From Basic Protections and Work Analysis to a Multilevel View of Workplace Safety and Risk. *American Psychological Association*, 102(3): 375–388
- Hofmann, D. A., & Morgeson, F. P. (1999). Safety-related behavior as a social exchange: The role of perceived organizational support and leader-member exchange. *Journal of Applied Psychology*, 84, 286–296. doi:10.1037/0021-9010.84.2.286
- IDICT, (2001), *Livro branco dos serviços de prevenção das empresas*. [On-line]. Lisboa:IDICT. Retirado de: <https://www.doccity.com/pt/livro-branco-do-servicos-de-prevencao/4824080/#>
- Keogh, J. P., Nuwayhid, I., Gordon, J. L., & Gucer, P. (2000). The impact of occupational injury on injured worker and family: Outcomes of upper extremity cumulative trauma disorders in Maryland workers. *American Journal of Industrial Medicine*, 38, 498 –506. doi:10.1002/1097-0274(200011)38:5_498::AID-AJIM2_3.0.CO;2-I
- Lacomblez, M. H., Araújo, A. J., Zambroni-de-Souza, P. C., & Máximo, T. A. (2016). Marianne Lacomblez e a construção de uma psicologia da atividade de trabalho. *Cadernos De Psicologia Social Do Trabalho*, 19(1), 121-133. Doi: <https://doi.org/10.11606/issn.1981-0490.v19i1p121-133>
- Lawrence, E. R., Paustian-Underdahl, S. C., & Halbesleben, J. R. B. (2013). The Influence of Workplace Injuries on Work-Family Conflict: Job and Financial Insecurity as Mechanisms. *Journal of Occupational Health Psychology*, 18(4): 371–383.
- Leplat, J. & Cuny, X. (1983). *Introdução à psicologia do trabalho*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Liang, H., Ling K., Zhang, S., & Su, Y. 2018. The Impact of Coworkers' Safety Violations on an Individual Worker: A Social Contagion Effect within the Construction Crew. *International Journal of Environmental Research and Public Health*, 15(4): 773.

- Malek, M., El-Safty, A., El-Safety, A., & Sorce, J. (2010). The correlation between safety practices in construction and occupational health. *Management Science and Engineering*, 4, 1–9.
- Martins, J. M. C. (2008). *Percepção do risco de desenvolvimento de lesões músculo esqueléticas em actividades de enfermagem* (Dissertação de Mestrado). Universidade do Minho, Braga, Portugal
- Morgan, D. L., Krueger, R. A., & King, J. A. (1997). *Focus Group Kit*. Thousand Oaks, CA: Sage
- Neal, A., & Griffin, M. A. (2004). Safety climate and safety at work. In J. Barling & M. R. Frone (Eds.), *The Psychology of Workplace Safety*: 15–34. Washington, DC: American Psychological Association.
- Neal, A., & Griffin, M. A. (2006). A study of the lagged relationships among safety climate, safety motivation, safety behavior, and accidents at the individual and group levels. *Journal of Applied Psychology*, 91, 946–953. doi:10.1037/0021-9010.91.4.946
- EU-OSHA (2019). *Cost to society of work-related injury and illness*. [On-line]. Retirado de: <https://visualisation.osha.europa.eu/osh-costs#!/>
- Pacheco, C. (2012). *Percepção de risco e comportamentos seguros: Qual o papel destes elementos enquanto componentes da cultura de segurança organizacional* (Dissertação de Mestrado). Instituto Politécnico de Setúbal, Setúbal, Portugal
- Parker, S. K., & Wall, T. D. (1998). *Job and work design: Organizing work to promote well-being and effectiveness*. Thousand Oaks, CA: Sage
- Ramos, S., Gonçalves, I., Simões, H., & Rebelo, F. (2010). O contributo do design ergonómico na interacção com dispositivos de controlo: um caso de reconcepção de um posto de trabalho. *Laboreal*, VI(1): 17–28.
- Silva, E. A. S. (2010). *Percepção do risco e cultura de segurança: O caso Aeroportuário* (Dissertação de Mestrado). Universidade de Coimbra, Coimbra, Portugal.
- Smith, M. B., Jordan, P., & Wallace, J. C. (2016). Personality and Individual Differences. In S. Clarke, T. M. Probst, F. W. Guldenmund, & J. Passmore (Eds.), *The Wiley Blackwell Handbook of The Psychology of Occupational Safety and Workplace Health*: 15–37. Chichester: John Wiley & Sons Ltd.
- Strunin, L., & Boden, L. (2004). Family consequences of constant back pain. *Social Science & Medicine*, 58, 1385–1393. doi:10.1016/S0277-9536(03)00333-2
- Valverde, C. (2007). Instrumentos conceptuais e metodológicos na análise de riscos e nos processos de prevenção: a abordagem de Véronique De Keyser. *Laboreal*, 3, (1), 20–35.

- Vasconcelos, R. J. S. D. (2000). *Analisar o trabalho para formar e transformar* (Dissertação de Mestrado). Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, Universidade do Porto, Porto, Portugal.
- Vasconcelos, R. & Lacomblez, M. (2001/2002). Análise guiada do trabalho e desenvolvimento de competências profissionais: Contributos, reflexões e desafios. *Cadernos de Consulta Psicológica*, 17-18, 295-303.
- Yaremko, R. K., Garari, H., Farrison, R. C., & Lynn, E. (1986). *Handbook of research and quantitative methods in psychology*. Hillsdale, NJ: Lawrence Erlbaum.
- Zohar, D. (2002). *The effects of leadership dimensions, safety climate, and assigned priorities on minor injuries in work groups*. *Journal of Organizational Behavior*, 23, 75–92. doi:10.1002/job.130

ANEXOS

Anexo A: Organograma da Organização

Anexo B: Guião do *Focus Group*

Anexo C: Consentimento Informado

Anexo D: Questionário Pré-intervenção

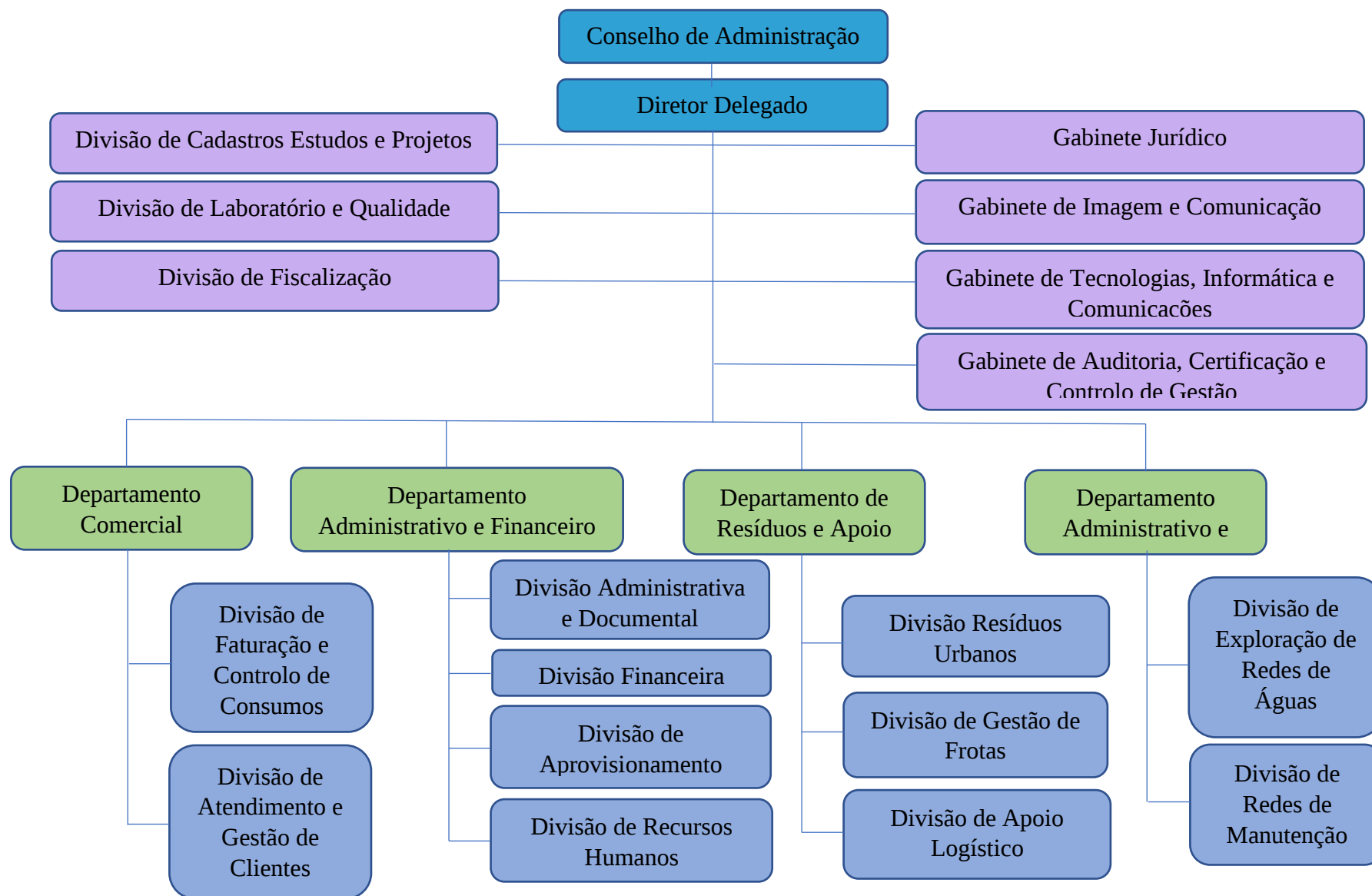
Anexo E: Questionário Pós-intervenção

Anexo F: Dicionário de Categorias

Anexo G: Matriz de Resultados dos *Focus Group* – Turno da Manhã

Anexo H: Matriz de Resultados dos *Focus Group* – Turno da Tarde

Anexo A: Organograma da Organização



Anexo B: Guião do *Focus Group*

Guião do *Focus Group*

Data: de 1 de março a 30 de Abril

Nº de sessões: 5 por cada grupo

Hora de início: Turno da manhã - 11:30; Turno da Tarde – 13:00

Número de participantes: 7 a 8 CL e CMPVE

Tempo previsto: 1 hora por sessão

Organização do *Focus Group*

Preparação:

- Arranjar sala (mesa, folhas e canetas)
- Preparar meios técnicos (computador, projetor e câmara de filmar).
- Preparar material de substituição caso a câmara falhe (gravador áudio).
- Preparar a declaração de consentimento de gravação do *Focus Group* para ser assinada por cada um dos participantes.
- Preparar o questionário de avaliação pré e pós (na última sessão) intervenção.

Guião do *Focus Group*

1- Apresentação na primeira sessão:

- Apresentar-me, agradecer a presença e resumir o que vai acontecer a seguir.
- Pedir aos participantes que respondam com sinceridade e sem se preocuparem em dar respostas certas, não estão a ser avaliados. Devem dizer o que pensam. Reforçar a ideia de que a opinião deles é muito importante e que pode contribuir para a melhoria das condições de trabalho.
- A presença de um membro da organização é apenas para auxílio de alguma questão técnica específica e, apesar da sua presença, as chefias apenas terão acesso aos resultados finais das sessões dos grupos, sem saberem quem disse o quê.
- Pedir que leiam e assinem o consentimento informado e a autorização de gravação áudio e reforçar as questões de confidencialidade (os participantes não vão ser identificados na transcrição dos dados).
- Pedir que não se mantenham conversas paralelas e privadas e que falem um de cada vez para que todos se possam ouvir e o debate seja rico.
- Pedir que cada trabalhador se apresente dizendo a sua idade, função, anos de experiência e expectativas para as sessões em que vão participar;

2- Sensibilização do tema – primeira sessão:

- Explicar sucintamente o conteúdo do tema do *Focus Group* – Continuação do projeto anterior, falar sobre riscos, analisar situações-problema, encontrar novas formas de trabalho.
- Fazer um apanhado geral dos objetivos desta investigação – sensibilização e consciencialização para o risco, aquisição de competências, transmissão de conhecimentos e criação de um local de trabalho mais seguro e saudável.
- Entrega do Questionário.

3- Início das restantes sessões:

- Começar por agradecer novamente a presença de todos, fazer um resumo da sessão anterior e perguntar se gostariam de acrescentar algo ao que foi dito.

4- Apresentação das situações-problema:

- Apresentação de uma fotografia com uma situação-crítica e pedir aos trabalhadores que expliquem aquela situação. Questões a colocar:
 - Qual a tarefa que está a ser desempenhada (apanhar o lixo do chão, subir para o estribo, etc)?
 - Qual o serviço em que esta tarefa é feita (Porta-a-porta, recolha lateral, vidro, etc)?
 - Conhecem alguma história de acidente ou doença devido a uma situação igual ou semelhante a esta?
 - Existe algum motivo para realizarem a tarefa desta forma?
 - Quais os riscos a que estão sujeitos devido ao fato de a fazerem daquela forma?
 - Qual a maneira correta de a realizar?
 - Porque não a realizam da forma correta?
 - Sugestão de novas formas de realizar a tarefa diminuindo a exposição ao risco.

5- Agradecimentos

- Será dado espaço para que os participantes coloquem alguma questão que não tenha ficado clara ou alguma dúvida que tenha surgido no decorrer da sessão, ou ainda acrescentar informação importante ao que foi dito anteriormente.
- Serão feitos os agradecimentos a todos os presentes pela amabilidade de participarem neste *Focus Group*, assim como pelo tempo que despenderam com o mesmo.

Anexo C: Consentimento Informado



CONSENTIMENTO INFORMADO

O presente estudo surge no âmbito de uma dissertação de mestrado a decorrer no **ISCTE – Instituto Universitário de Lisboa**. Este estudo incide sobre a Saúde e Segurança no Trabalho e tem como principal objetivo contribuir para a prevenção de acidentes de trabalho e doenças relacionadas com o trabalho, através da identificação e consciencialização dos riscos a que os trabalhadores estão expostos.

O estudo é realizado pela aluna de mestrado Joana Pereira (jo_pereira_7@hotmail.com) com a coordenação da Professora Sara Ramos (sara.ramos@iscte.pt) e a doutoranda Inês Sousa (ines_carneiro_sousa@iscte-iul.pt) que poderão ser contactadas caso deseje colocar uma dúvida ou partilhar algum comentário.

Este estudo visa o seu envolvimento em sessões grupais semanais (dias 12, 19 e 26 de Março e dias 2 e 9 de Abril) perfazendo um total de 5 sessões. A sua participação, que será muito valorizada, consistirá em analisar uma série de situações-críticas de trabalho. Não existem respostas certas nem erradas, nem qualquer forma de avaliação dos trabalhadores, pelo que se pede que dê a sua opinião sincera, dizendo aquilo que realmente pensa. A sua opinião é muito importante e pode contribuir para a melhoria das condições de trabalho nesta organização.

As sessões serão filmadas para facilitar a análise das opiniões e perceções e servirão apenas para efeitos informativos sem referência às respostas de qualquer pessoa específica. Após a transcrição das sessões, as gravações serão eliminadas.

A participação neste estudo é estritamente **voluntária**: pode escolher participar ou não participar. Se escolher participar, pode interromper a participação em qualquer momento sem ter de prestar qualquer justificação. Para além de voluntária, a participação é também **anónima e confidencial**.

Face a estas informações, por favor indique se aceita participar no estudo:

ACEITO ☐

NÃO ACEITO ☐

Nome: _____ Data: _____

Assinatura: _____

ORIGINAL

CONSENTIMENTO INFORMADO

O presente estudo surge no âmbito de uma dissertação de mestrado a decorrer no **ISCTE – Instituto Universitário de Lisboa**. Este estudo incide sobre a Saúde e Segurança no Trabalho e tem como principal objetivo contribuir para a prevenção de acidentes de trabalho e doenças relacionadas com o trabalho, através da identificação e consciencialização dos riscos a que os trabalhadores estão expostos.

O estudo é realizado pela aluna de mestrado Joana Pereira (jo.pereira.7@hotmail.com) com a coordenação da Professora Sara Ramos (sara.ramos@iscte.pt) e a doutoranda Inês Sousa (ines.carneiro.sousa@iscte-iul.pt) que poderão ser contactadas caso deseje colocar uma dúvida ou partilhar algum comentário.

Este estudo visa o seu envolvimento em sessões grupais semanais (dias 12, 19 e 26 de Março e dias 2 e 9 de Abril) perfazendo um total de 5 sessões. A sua participação, que será muito valorizada, consistirá em analisar uma série de situações-críticas de trabalho. Não existem respostas certas nem erradas, nem qualquer forma de avaliação dos trabalhadores, pelo que se pede que dê a sua opinião sincera, dizendo aquilo que realmente pensa. A sua opinião é muito importante e pode contribuir para a melhoria das condições de trabalho nesta organização.

As sessões serão filmadas para facilitar a análise das opiniões e perceções e servirão apenas para efeitos informativos sem referência às respostas de qualquer pessoa específica. Após a transcrição das sessões, as gravações serão eliminadas.

A participação neste estudo é estritamente **voluntária**: pode escolher participar ou não participar. Se escolher participar, pode interromper a participação em qualquer momento sem ter de prestar qualquer justificação. Para além de voluntária, a participação é também **anónima e confidencial**.

Face a estas informações, por favor indique se aceita participar no estudo:

ACEITO ☐

NÃO ACEITO ☐

Nome: _____ Data: _____

Assinatura: _____

DUPLICADO

Anexo D: Questionário Pré-intervenção



Questionário

O questionário que se segue tem como objetivo aceder à sua perceção sobre condições físicas e psicológicas de trabalho, exposição a riscos e acidentes de trabalho. O seu preenchimento deverá demorar cerca de 15 minutos. A sua participação é voluntária e os seus dados e respostas individuais serão tratados de forma confidencial e anónima. Não existem respostas certas ou erradas, pelo que pedimos que responda da forma mais sincera possível.

Parte 1 - Perceção de comportamentos de segurança no trabalho

Nesta primeira parte pretende-se recolher informação sobre a sua perceção acerca dos comportamentos de segurança ao nível dos seus colegas e a nível individual. Relembramos que a informação é absolutamente confidencial e anónima, pelo que é pedido a sua total sinceridade sua resposta. Utilize a seguinte escala para responder a cada uma das questões.

Discordo Totalmente	Discordo	Discordo Parcialmente	Nem Discordo Nem Concordo	Concordo Parcialmente	Concordo	Concordo Totalmente
1	2	3	4	5	6	7

1 – As pessoas que trabalham na DRU...

	1	2	3	4	5	6	7
Esforçam-se para realizar o trabalho de forma segura, de acordo com as regras de segurança							
Consideram que a segurança é responsabilidade exclusiva dos outros							
Não utilizam o equipamento de segurança quando sabem que não estão a ser observadas							
Arrumam sempre os equipamentos de proteção individual corretamente							
Têm tendência a criticar o trabalho dos técnicos de segurança							
Têm orgulho por se trabalhar de uma forma segura							
Respeitam as indicações dos técnicos de segurança							
Raramente inspecionam e testam corretamente todo o equipamento de proteção individual							
Estão preparadas para situações de emergência e sabem o que fazer							

2 – Relativamente à Segurança, eu...

	1	2	3	4	5	6	7
Desenvolvo o meu trabalho de forma segura							
Nas vezes que trabalhei sem segurança foi porque tinha de realizar rapidamente a tarefa							
Utilizo e coloco corretamente todo o equipamento de proteção individual obrigatório, como indicado pelos procedimentos de segurança							
Inspeciono corretamente e testo todo o equipamento de proteção individual							
Mais importante que os procedimentos de segurança é o desempenho da minha equipa de trabalho							
No desenvolvimento do meu trabalho, eu utilizo e cumpro todos os procedimentos de segurança							
Facilito mais quando lido com equipamento conhecido, do que quando é novo para mim							
Arrumo sempre os meus equipamentos de proteção individual corretamente							
Se eu estiver sempre preocupado com segurança, o meu trabalho não ficará pronto							
Se observar um colega sem um equipamento de segurança obrigatório, aviso-o de imediato							
Procuro contribuir ativamente para a redução de acidentes promovendo a melhoria das condições de segurança e higiene do trabalho							

3 – Reflita agora sobre o seu comportamento no dia a dia e responda às questões seguintes, utilizando a escala apresentada:

Nunca	Raramente	Poucas Vezes	Às Vezes	Muitas Vezes	Quase Sempre	Sempre
1	2	3	4	5	6	7

	1	2	3	4	5	6	7
Para mim, a segurança está em primeiro lugar							
Não suporto a ideia de correr riscos no meu local de trabalho							
Normalmente prefiro evitar riscos							
Geralmente corro riscos nas minhas decisões							
Detesto a ideia de não saber o que irá acontecer na minha vida							
Geralmente vejo o risco como um desafio para um ganho maior							

4 – Como é que os SIMAR lidam com o não cumprimento de normas e procedimentos e de segurança? Assinale com uma X as opções que considerar adequadas:

Existe uma tabela de penalidades que é ativa de acordo com a frequência e severidade da ocorrência	
Há uma penalização direta	
Há uma penalização de acordo com a severidade da ocorrência	
Há uma penalização de acordo com a frequência da ocorrência	
Apenas somos chamados à atenção pelas chefias diretas	
Não há penalização	

Parte 2 - Informação sobre Acidentes de Trabalho e Perceção do Risco de Desenvolvimento de Lesões e/ou Doenças músculo-esqueléticas

5 – Como classifica o seu estado de saúde atual?

Mau ☐ Razoável ☐ Bom ☐ Muito Bom ☐

6 – Quantos acidentes de trabalho teve nos últimos 3 anos? _____

6.1 - Qual o tempo de incapacidade resultante (nº de dias sem trabalhar)? _____ dias

6.2 - Que tipo(s) de acidente(s)? _____

7 - Tem conhecimentos sobre risco de desenvolvimento de lesões ou doenças músculo-esqueléticas devido ao trabalho?

Sim ☐

Não ☐ (avance para a questão 8)

7.1- Adquiriu esses conhecimentos através de (assinale com uma X as opções adequadas):

No serviço comenta-se este assunto	
Formação em serviço	
Curso sobre Saúde e Segurança no Trabalho	
Frequência de palestras e seminários	
Leitura de revistas, artigos e trabalhos científicos	

8 – Utilizando a escala abaixo, indique para cada uma das alinhas a opção que melhor descreve a sua opinião sobre quais as situações de trabalho que contribuem para o risco de desenvolver lesões e/ou doenças músculo-esqueléticas:

Discordo Totalmente	Discordo	Discordo Parcialmente	Nem Discordo Nem Concordo	Concordo Parcialmente	Concordo	Concordo Totalmente
1	2	3	4	5	6	7

	1	2	3	4	5	6	7
Inexistência de material e equipamentos adequados							
Transporte e movimentação manual individual de monos/lixo para o veículo							
Postura estática enquanto está sentado por tempo prolongado							
Elevação de objetos com os joelhos fletidos e as costas eretas							
Deslocação de contentores com o auxílio do colega							
Saída do estribo com o veículo em andamento							
Movimentos de inclinação do tronco para a frente							
Alcançar e sustentar pesos afastado do corpo							
Rotação do tronco em pé							
Deslocação de contentores sozinho							
Colocar-se na zona lateral da viatura durante o basculamento							
Circulação no estribo em lombas ou pisos irregulares							

9 – No seu local de trabalho. Em caso de sobrecarga física, quais as intervenções que adota para modificar a situação de trabalho?

Utiliza equipamentos auxiliares	
Pára de trabalhar e faz uma pausa	
Diminui o uso de técnicas manuais	
Solicita o auxílio de uma colega/colaborador	
Procura melhorar a sua postura	
Procura alternar o tipo de atividade de trabalho	
Outra. Qual? _____	

Parte 3 - Condições de trabalho

10 – Tendo em consideração o serviço onde habitualmente desempenha a função, classifique segundo a sua opinião cada uma das afirmações relativamente à veracidade das mesmas.

Discordo Totalmente	Discordo	Discordo Parcialmente	Nem Discordo Nem Concordo	Concordo Parcialmente	Concordo	Concordo Totalmente
1	2	3	4	5	6	7

	1	2	3	4	5	6	7
É frequente a rotação dos trabalhadores entre tarefas com maior exigência física							
Posso parar e efetuar pausas de trabalho sempre que tenho necessidade							
Tenho autonomia suficiente para decidir sobre o meu ritmo de trabalho							
Existe colaboração entre colegas das diferentes atividades							

11 - Tendo em consideração materiais e equipamentos no seu local de trabalho, classifique segundo a sua opinião cada uma das afirmações relativamente à veracidade das mesmas.

Discordo Totalmente	Discordo	Discordo Parcialmente	Nem Discordo Nem Concordo	Concordo Parcialmente	Concordo	Concordo Totalmente
1	2	3	4	5	6	7

	1	2	3	4	5	6	7
Normalmente os materiais e equipamentos são difíceis de utilizar ou encontram-se em mau estado							
De um modo geral, a utilização dos equipamentos auxiliares contribui para tornar a execução mais morosa							
Raramente tenho equipamento para me ajudar nas atividades que requerem esforço físico							
Há equipamentos que não sei utilizar (falta de instrução)							

12 – Tendo em consideração o seu local de trabalho, assinale com um X a(s) situação(ões) que condicionam a sua postura durante as rotinas de trabalho.

Condições de acesso ao equipamento de posição (largura e inclinação da via, obstáculos)	
Más condições da viatura (estribos, acentos, manípulos, etc)	
Falta de material para realizar a limpeza da via	
Condições atmosféricas (frio, chuva, sol)	
Outra. Qual? _____	

13 – Quais as intervenções/mudanças possíveis no seu local de trabalho que poderão diminuir os riscos ocorrência de lesões ou distúrbios músculo-esqueléticos?

Parte 4 – Dados do trabalhador

14 – Idade: _____ anos

15 – Sexo: Masculino ☐ Feminino ☐

16 – Habilitações Literárias:

Inferior 4º Classe ☐ 4º Classe Completa ☐ 6º Ano Completo ☐

9º Ano Completo ☐ 12º Ano Completo ☐ Ensino Superior ☐

17– Indique por favor qual a sua função na empresa:

Cantoneiro de Limpeza ☐ Condutor de Máquinas Pesadas e Veículos Especiais ☐

18 – Indique com uma X o horário que cumpre habitualmente:

Turno das 6h às 13h	
Turno das 13h às 20h	

19 – Indique que tipo de recolha faz habitualmente:

Recolha Lateral (indiferenciada ou seletiva)	
Recolha Posterior (1100L ou porta a porta / indiferenciada ou seletiva)	
Recolha Seletiva com grua	
Recolha Indiferenciada Molok	
Recolha de Monos	
Outra. Qual? _____	

20 – Há quanto tempo trabalha nos SIMAR? _____ anos e _____ meses

21 – Há quanto tempo trabalha nesta função? _____ anos e _____ meses

Anexo E: Questionário Pós-intervenção



Questionário

O questionário que se segue tem como objetivo aceder à sua perceção sobre condições físicas e psicológicas de trabalho, exposição a riscos e acidentes de trabalho. O seu preenchimento deverá demorar cerca de 15 minutos. A sua participação é voluntária e os seus dados e respostas individuais serão tratados de forma confidencial e anónima. Não existem respostas certas ou erradas, pelo que pedimos que responda da forma mais sincera possível.

Parte 1 - Perceção de comportamentos de segurança no trabalho

Nesta primeira parte pretende-se recolher informação sobre a sua perceção acerca dos comportamentos de segurança ao nível dos seus colegas e a nível individual. Relembramos que a informação é absolutamente confidencial e anónima, pelo que é pedido a sua total sinceridade sua resposta. Utilize a seguinte escala para responder a cada uma das questões.

Discordo Totalmente	Discordo	Discordo Parcialmente	Nem Discordo Nem Concordo	Concordo Parcialmente	Concordo	Concordo Totalmente
1	2	3	4	5	6	7

1 – As pessoas que trabalham na DRU...

	1	2	3	4	5	6	7
Esforçam-se para realizar o trabalho de forma segura, de acordo com as regras de segurança							
Consideram que a segurança é responsabilidade exclusiva dos outros							
Não utilizam o equipamento de segurança quando sabem que não estão a ser observadas							
Arrumam sempre os equipamentos de proteção individual corretamente							
Têm tendência a criticar o trabalho dos técnicos de segurança							
Têm orgulho por se trabalhar de uma forma segura							
Respeitam as indicações dos técnicos de segurança							
Raramente inspecionam e testam corretamente todo o equipamento de proteção individual							
Estão preparadas para situações de emergência e sabem o que fazer							

2 – Relativamente à Segurança, eu...

	1	2	3	4	5	6	7
Desenvolvo o meu trabalho de forma segura							
Nas vezes que trabalhei sem segurança foi porque tinha de realizar rapidamente a tarefa							
Utilizo e coloco corretamente todo o equipamento de proteção individual obrigatório, como indicado pelos procedimentos de segurança							
Inspeciono corretamente e testo todo o equipamento de proteção individual							
Mais importante que os procedimentos de segurança é o desempenho da minha equipa de trabalho							
No desenvolvimento do meu trabalho, eu utilizo e cumpro todos os procedimentos de segurança							
Facilito mais quando lido com equipamento conhecido, do que quando é novo para mim							
Arrumo sempre os meus equipamentos de proteção individual corretamente							
Se eu estiver sempre preocupado com segurança, o meu trabalho não ficará pronto							
Se observar um colega sem um equipamento de segurança obrigatório, aviso-o de imediato							
Procuro contribuir ativamente para a redução de acidentes promovendo a melhoria das condições de segurança e higiene do trabalho							

3 – Reflita agora sobre o seu comportamento no dia a dia e responda às questões seguintes, utilizando a escala apresentada:

Nunca	Raramente	Poucas Vezes	Às Vezes	Muitas Vezes	Quase Sempre	Sempre
1	2	3	4	5	6	7

	1	2	3	4	5	6	7
Para mim, a segurança está em primeiro lugar							
Não suporto a ideia de correr riscos no meu local de trabalho							
Normalmente prefiro evitar riscos							
Geralmente corro riscos nas minhas decisões							
Detesto a ideia de não saber o que irá acontecer na minha vida							
Geralmente vejo o risco como um desafio para um ganho maior							

Parte 2 - Informação sobre Acidentes de Trabalho e Perceção do Risco de Desenvolvimento de Lesões e/ou Doenças músculo-esqueléticas

4 – Como classifica o seu estado de saúde atual?

Mau ☐ Razoável ☐ Bom ☐ Muito Bom ☐

5 – Utilizando a escala abaixo, indique para cada uma das alinhas a opção que melhor descreve a sua opinião sobre quais as situações de trabalho que contribuem para o risco de desenvolver lesões e/ou doenças músculo-esqueléticas:

Discordo Totalmente	Discordo	Discordo Parcialmente	Nem Discordo Nem Concordo	Concordo Parcialmente	Concordo	Concordo Totalmente
1	2	3	4	5	6	7

	1	2	3	4	5	6	7
Inexistência de material e equipamentos adequados							
Transporte e movimentação manual individual de monos/lixo para o veículo							
Postura estática enquanto está sentado por tempo prolongado							
Elevação de objetos com os joelhos fletidos e as costas eretas							
Deslocação de contentores com o auxílio do colega							
Saída do estribo com o veículo em andamento							
Movimentos de inclinação do tronco para a frente							
Alcançar e sustentar pesos afastado do corpo							
Rotação do tronco em pé							
Deslocação de contentores sozinho							
Colocar-se na zona lateral da viatura durante o basculamento							
Circulação no estribo em lombas ou pisos irregulares							

6 – No seu local de trabalho. Em caso de sobrecarga física, quais as intervenções que adota para modificar a situação de trabalho? Assinale com um X as opções que considera adequadas:

Utiliza equipamentos auxiliares	
Pára de trabalhar e faz uma pausa	
Diminui o uso de técnicas manuais	
Solicita o auxílio de uma colega/colaborador	
Procura melhorar a sua postura	
Procura alternar o tipo de atividade de trabalho	
Outra. Qual? _____	

Parte 3 - Condições de trabalho

7 - Tendo e consideração materiais e equipamentos no seu local de trabalho, classifique segundo a sua opinião cada uma das afirmações relativamente à veracidade das mesmas

Discordo Totalmente	Discordo	Discordo Parcialmente	Nem Discordo Nem Concordo	Concordo Parcialmente	Concordo	Concordo Totalmente
1	2	3	4	5	6	7

	1	2	3	4	5	6	7
Normalmente os materiais e equipamentos são difíceis de utilizar ou encontram-se em mau estado							
De um modo geral, a utilização dos equipamentos auxiliares contribui para tornar a execução mais morosa							
Raramente tenho equipamento para me ajudar nas atividades que requerem esforço físico							
Há equipamentos que não sei utilizar (falta de instrução)							

8 – Tendo em consideração o seu local de trabalho, assinale com um X a(s) situação(ões) que condicionam a sua postura durante as rotinas de trabalho.

Condições de acesso ao equipamento de posição (largura e inclinação da via, obstáculos)	
Más condições da viatura (estribos, assentos, manípulos, etc)	
Falta de material para realizar a limpeza da via	
Condições atmosféricas (frio, chuva, sol)	
Outra. Qual? _____	

9 – Quais as intervenções/mudanças possíveis no seu local de trabalho que poderão diminuir os riscos ocorrência de lesões ou distúrbios músculo-esqueléticos?

10 – O que ouvi nesta formação que nunca tinha ouvido antes?

11 – Classifique segundo a sua opinião cada uma das afirmações relativamente à veracidade das mesmas. “Esta formação contribui-o para:

Discordo Totalmente	Discordo	Discordo Parcialmente	Nem Discordo Nem Concordo	Concordo Parcialmente	Concordo	Concordo Totalmente
1	2	3	4	5	6	7

	1	2	3	4	5	6	7
Adquirir conhecimentos sobre acidentes de trabalho							
Adquirir conhecimentos sobre riscos no meu trabalho							
Adquirir conhecimentos sobre doenças músculo-esqueléticas							
Aquisição de novas competências							
Partilhar o meu conhecimento e experiência com os mais novos							
Ter uma maior consciência dos riscos a que estou exposto no meu dia a dia							
Partilhar novas formas de realizar tarefas							
Sugerir mudanças nos materiais							

Parte 4 – Dados do trabalhador

12 – Idade: _____ anos

13 – Sexo: Masculino ☐ Feminino ☐

Anexo F: Dicionário de Categorias

Categoria	Sub-categoria	Sub-sub-categoria	Definição
Identificação do perigo	EPI's		Identificação de perigos relacionados com o uso de EPI's ou a ausência dos mesmos durante a atividade
	Equipamentos		Identificação de perigos relacionados com os equipamentos utilizados durante a atividade
	Condução		Identificação de perigos relacionados com a condução máquinas pesadas e veículos especiais
	Coatividade		Identificação de perigos relacionados com a interação entre os elementos da equipa de trabalho
	Carga Física		Identificação de perigos relacionados com tarefas que quererem um esforço físico elevado por parte dos trabalhadores ou trabalhadores que adotam posturas inadequadas durante a realização das tarefas
	Meio Envolvente	Munícipes	Identificação de perigos relacionados com os munícipes
		Condições Físicas	Identificação de perigos relacionados com as condições físicas das vias públicas e parques dos contentores
Consequências do Perigo/Risco			Identificação dos riscos associados aos perigos identificados e as suas consequências para o trabalhador
Forma correta de realizar a tarefa			Descrição da forma correta de realizar as tarefas apresentadas
Razões para a exposição ao perigo	Trabalhador	Tempo/ Pressa	Identificação dos motivos para a exposição ao perigo relacionados com o tempo
		Qualidade do Serviço	Identificação dos motivos para a exposição ao perigo relacionados a qualidade do serviço
		Condição Físicas	Identificação dos motivos para a exposição ao perigo relacionados com as condições físicas dos trabalhadores
		Razões Individuais	Identificação dos motivos para a exposição ao perigo relacionados com fatores individuais
	Equipa		Identificação dos motivos para a exposição ao perigo relacionados com o trabalho de equipa
	Equipamentos		Identificação dos motivos para a exposição ao perigo relacionados com

Projeto de Investigação-Ação numa Organização Pública

		equipamentos utilizados durante a atividade e EPI's
	Organização	Identificação dos motivos para a exposição ao perigo relacionados com a organização
	Meio envolvente	Identificação dos motivos para a exposição ao perigo relacionados com fatores externos ao controlo dos trabalhadores
Novas formas de realizar o trabalho		Sugestões de novas formas de realizar as tarefas, reduzindo a exposição ao perigo
Dificuldades sentidas na atividade		Dificuldades sentidas pelos trabalhadores na realização da sua atividade, mas que não são um perigo para os mesmos

Anexo G: Matriz de Resultados dos *Focus Group* – Turno da Manhã

[illegible]

Projeto de Investigação-Ação numa Organização Pública

[illegible]

Projeto de Investigação-Ação numa Organização Pública

[illegible]

Projeto de Investigação-Ação numa Organização Pública

[illegible]

Anexo H: Matriz de Resultados dos *Focus Group* – Turno da Tarde

[illegible]

Projeto de Investigação-Ação numa Organização Pública

[illegible]

Projeto de Investigação-Ação numa Organização Pública

[illegible]

Projeto de Investigação-Ação numa Organização Pública

[illegible]

Projeto de Investigação-Ação numa Organização Pública

[illegible]

Projeto de Investigação-Ação numa Organização Pública

[illegible]